

Estefania Cristina

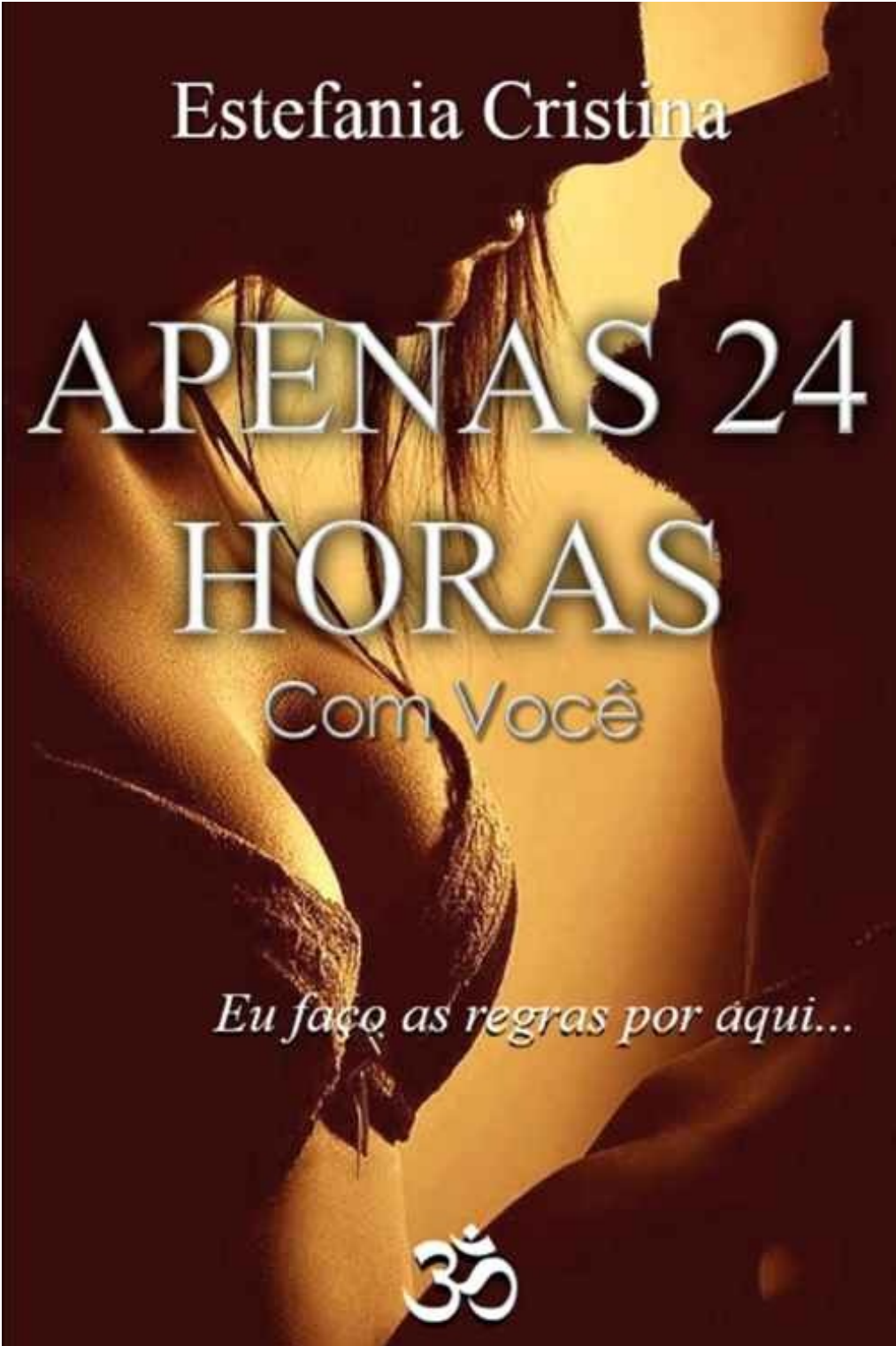
APENAS 24 HORAS

Com Você

Eu faço as regras por aqui...





The background of the book cover is a romantic photograph of a man and a woman in a close embrace. The woman's face is partially visible, looking towards the man, who is mostly in silhouette. The lighting is warm and golden, creating a soft, intimate atmosphere. The text is overlaid on this image.

Estefania Cristina

APENAS 24 HORAS

Com Você

Eu faço as regras por aqui...



Estefania Cristina

APENAS 24 HORAS
COM VOCÊ

Eu faço as regras por aqui...

LIVRO I

Copyright©2018 by Estefania Cristina

Diagramação	Estefania Cristina
Capa	Emilly Cristina Estefania Cristina
Revisão	Luiza Medeiros Juliete Vasconcelos

C933a

Cristina, Estefania

Apenas 24 Horas Com Você/ Estefania Cristina.

2. Ed – Belo Horizonte, MG

Esta obra é uma produção Independente.

Copyright [2018] by Estefania Cristina

ASIAN: B01COG5OVM

Todos os direitos desta edição reservados ao autor da obra.

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance - Brasil CDD 869.93
2. Romance CDU (82) - 31

LIVRO REGISTRADO PELA BIBLIOTECA NACIONAL

SUMÁRIO

[PARTE 1- A FESTA](#)

[PARTE 2 — O PEDIDO](#)

[PARTE 3 — A CARONA](#)

[PARTE 4 — DECOLANDO](#)

[PARTE 5 — O IMPÉRIO](#)

[PARTE 6 — TÁ NO AR](#)

[PARTE 7 — INVESTIDA](#)

[PARTE 9 — EXÓTICO E SABOROSO](#)

[PARTE 10 — SÃO OS DETALHES](#)

[PARTE 11 — NAS NUENS](#)

[PARTE 12 — A GRANDE NOITE](#)

[PARTE 13 — FIM DO TEMPO](#)

[PARTE 14 — A NOIVA](#)

[PARTE 15 — UM NOVO COMEÇO](#)

[Lista de Filmes e Livros que inspiraram a compor a trilogia Apenas 24 Horas:](#)

*Agradecimento especial à Caroline Factum.
Obrigada, Carol, por acreditar em mim e principalmente no universo dos meus
livros.*

PARTE 1- A FESTA

Hoje é o aniversário de casamento do Sr. e Sra. Watson. Estão todos reunidos e felizes em frente ao enorme casarão. A senhora Lisa Watson anda de um lado para o outro, cuidando de forma minuciosa de cada detalhe da festa, começando da cozinha até as toalhas de mesa, que por sinal são belíssimas, brancas e rendadas.

Jordan, meu namorado, é filho único do casal. Em março completamos dois anos de relacionamento e, com isso, eu aguardo o tão esperado pedido de casamento. Estou bastante ansiosa!

Não que me considere despreparada, mas não sei se Jordan — com seus lindos olhos azuis — está ciente da responsabilidade que isso trará para nossas vidas.

A ideia de nos apresentar foi da minha mãe, Ashley Beckham, que só está interessada nas posses da família Watson. Não a culpo pelos casamentos fracassados que teve, mas colocar sua única filha a prêmio, não me parece correto.

Jordan é um dos rapazes mais lindos e ricos em Tennessee. Não foi nenhum sacrifício me relacionar com ele. A única coisa que me incomoda é a distância que há entre nós e toda a superficialidade que representamos em frente ao resto da família. É como se ele não estivesse realmente ao meu lado.

Posso conviver com isso, já que ninguém é de verdade nos dias de hoje.

Vejo o carro preto de Frederick, meu motorista, estacionando do outro lado da propriedade. De braços dados ao meu lado, minha mãe cordialmente me solta para cumprimentar Lisa.

— Está tudo divino, Lisa! — Ashley está excepcional com o lindo vestido marrom, justo até os joelhos. O cabelo castanho claro enrolado parece uma concha do mar.

— Olá, Sra. Watson! — ela me cumprimenta de volta. O assunto daquelas duas senhoras não me interessa. — Onde está Jordan?

— Eu não vi Jordan hoje, Christina. — Os olhos azuis, assim como os do filho, indagam pensando onde está o rapaz. — Oh, talvez ele esteja dormindo ainda! Pode subir.

Sorri esbanjando elegância. O seu vestido rosa claro é bem parecido com o da minha mãe, mas o cabelo loiro escuro jogado para o lado é um charme inquestionável. Dou um aceno e me retiro subindo a enorme escadaria que leva

ao próximo andar.

Há muitos convidados curtindo a festa ao ar livre, no entanto, é sempre possível encontrar um ou outro perambulando pela residência.

Senhora Watson é uma excelente organizadora de festas. Todo aquele clima familiar e festivo me deixou bem-humorada. Não consigo parar de pensar em como será o meu casamento.

Chego ao final do corredor e paro em frente à enorme porta de madeira vermelha. Giro a maçaneta dourada com cuidado, quero acordar Jordan com os meus beijos e carícias em seus cabelos loiros.

Abro sutilmente a porta e o meu sorriso, antes radiante, murcha.

— Christina, meu amor! — Fico paralisada, o vendo jogar a loira siliconada para o lado. — Eu posso explicar! — diz Jordan enrolando o lençol na cintura e caminhando em minha direção.

Bato a porta e saio enfurecida pelo corredor.

— Christina, me espera! — Me segura pelo braço. — Você precisa me ouvir...

— Jordan! Não tem o que dizer. Eu vi! — aumento a voz.

— Christina, Jordan, o que está acontecendo? — Minha mãe surge. Olha Jordan de cima a baixo, logo vê a loira de vestido azul sair do quarto. — Jordan, volte para o seu quarto e se arrume! Estão todos te esperando! — Jordan ousa tentar rebater. — Agora não é o momento para escândalo. Por favor! — sussurra minha mãe, e Jordan obedece, não querendo atrapalhar a comemoração.

Ashley me arrasta pelo braço até o quarto de visitas.

— O que você pensa que está fazendo? — Me encara enfurecida. — Você ia terminar com Jordan?

— Claro! Eu o peguei em flagrante me traindo! — Achei que ela ainda não tinha entendido a situação, mas estava enganada.

— Christina, sua tola! Todos os homens traem, vivem suas aventuras, é normal! — Desliza a mão no meu ombro ajeitando a manga do top preto. — Você não vai deixar aquele homem maravilhoso por uma bobeira!

Ela dá a volta, e assim vejo os nossos rostos refletidos no espelho em frente.

— Eu não vou aceitar ser submetida a essa vergonha, mamãe! — Ela ajusta minha saia verde florida, com o comprimento até os pés, e em seguida para em minha frente.

— Vai, vai aceitar sim! — Sorri.

— Não, eu não vou! — rebato pensando no quanto ela é louca.

— Estamos endividadas, não temos mais propriedades para vender. Eu não perdi metade da minha beleza te carregando na minha barriga à toa, garota

tola! — Estamos quase decretando falência, culpa dela que esbanjou o dinheiro. — Contorne a situação. Agora, não seja mimada! Se recomponha e volte para a festa.

Ela sai do quarto.

Estou fadada a viver uma vida de mentiras e ilusões se não quiser viver na miséria. Minha mãe já está à beira da loucura, mas e eu?

— Sou apenas uma garota medrosa que nunca viveu a vida — sussurro fadigada.

— Eu não diria isso... — Me volto para voz. — Chris?

Vejo um belo rapaz, moreno bronzeado, escorado no batente da porta. Alto, e com um corpo atlético bem definido, cabelo preto e liso. A boca carnuda carrega um sorriso genuíno.

— Christina Beckham, é você? — Descruza os braços e caminha em minha direção. — Está com o cabelo muito mais curto, mas tenho certeza que é você! — Olho assustada. — Não se lembra de mim? Koll Gardner. Último ano... Capitão do time...

— Koll... Claro... — Estendo o braço para um aperto de mão. — Só me lembro do balde de tinta rosa que você jogou em mim no trote dos calouros assim que abri a porta da sala.

Ele solta uma gargalhada.

— Me desculpe! Era o meu último ano, todos os alunos fazem isso! — Eu não sei se ele é mais o mesmo garoto insuportável que conheci. — O que você faz aqui?

Seco as lágrimas.

— Jordan é o meu noivo... ou era! — Me viro para o espelho, arrumando o meu cabelo castanho, corte Chanel. — E você?

— Nós somos primos de terceiro ou quarto grau. Nem sei mais! — Ele sorri. — Por que você estava chorando?

— Caiu um cisco no meu olho, aí eu estava esperando... — Reparo nas bolsas no chão. — Esse é o seu quarto? — Ele dá um aceno positivo e eu fico constrangida. — Desculpe-me, já estou de saída.

— Eu também! Na verdade, eu vim apenas pegar o meu celular... — Passa por mim, e pega o aparelho na mesinha ao lado da cama. — Posso te acompanhar, Chris?

— Não sei se posso ser uma boa companhia, Koll. — Atravesso a porta, não dando muita credibilidade para as suas palavras.

PARTE 2 — O PEDIDO

J á teve a impressão de que passa mais tempo observando a vida do que vivendo? Analisar e premeditar. Aprendi a escolher o óbvio para diminuir as probabilidades de erros.

Prever o resultado de cada passo.

O grande problema é que ao fazer isso, acaba-se por cancelar uma experiência. Medo! É uma definição mais curta para esse pensamento.

Estudar exatas não foi minha ideia, Ashley praticamente me obrigou a seguir a carreira do meu falecido pai, Thomas. Ela acredita piamente que o mundo é feito de números e conhecê-los me trará vantagens.

Eu sou Christina Beckham. E na verdade odeio exatas, sou apaixonada por pintura. O grande mal de ser artista é não saber cobrar ou expor seu trabalho. Ah, isso é desanimador, prefiro fazer desse amor um hobby.

De braços cruzados, observo os convidados sorrirem, aconchegados à hospitalidade. O vento ameno, com delicadeza, espalha meu cabelo para o lado.

— Sempre observa as pessoas a distância? — Afasto-me assustada ao sentir o corpo de Koll por detrás do meu.

— Que susto, Koll! — Com um sorriso tranquilo, ele ignora minha reação. Acho isso muito invasivo.

— Não respondeu minha pergunta. — Olha para o infinito a nossa frente.

O mordomo, em seu impecável uniforme branco, interrompe a conversa servindo champanhe. “*Senhorita*”. Pego a taça e agradeço.

— Desculpe, Koll, mas não quero ter esse tipo de conversa com você! — Tento uma saída estratégica caminhando pelo labirinto de mesas.

Avisto minha mãe. Com toda elegância e glamour, Ashley acena, me convidando a me juntar a ela, na mesa onde não para de flertar com deputado Gibson.

Sorrisos e conversas superficiais: esse é o mundo da família Watson. Tudo que Ashley ama!

— Vejo que já conheceram minha noiva! — Jordan me surpreende com um beijo e age como se nada tivesse acontecido. O terno azul-claro combina com seus olhos. — Eu já volto. Se divirtam.

Retira-se seguindo para o palco, onde o Sr. Watson, eloquentemente, pronuncia um lindo discurso à Lisa. A festa de “Bodas de Prata” não passa de um pretexto para se autopromover na política.

Desvio o olhar.

Sozinho e distante, sentado em uma mesa, está Koll, entretido com o notebook, do qual desvia a atenção apenas para avaliar as declarações da família. Percebendo que eu o analiso, ergue a taça fazendo menção a um brinde.

Por que a presença de Koll me deixa tão inquieta? Talvez seja impressão. Ser traída e nem ao menos poder discutir com Jordan fez o meu dia ficar insuportável.

— A base da sociedade está em uma família bem estruturada e unida. Tenho orgulho em ser um Watson! — Jordan interpreta seu número de bom filho no palco. — Seguindo os passos de meu pai, quero aproveitar esse memorável momento... — Volta-se para o público, procurando algo ou alguém. — Chris, venha cá.

Fico pálida.

Ele não irá fazer isso agora! “*Vai logo, Christina*”, sussurra minha mãe. Eu morro de vergonha, só de pensar em subir no palco e ter que falar algo. Fico trêmula e gaguejo. Não gosto de me expor.

“*Que lindo, ele vai pedir agora*”, as pessoas comentam.

São poucos metros, mas a cada passo eu reflito se realmente desejo me casar com Jordan. Com um sorriso cativante, ele me aguarda. Eu não quero fazer isso pela minha mãe. O sonho de caminhar até o altar vira um pesadelo nesse momento. Por que ele me traiu?

— Chris! — Oferece a mão para que eu suba os dois degraus. — Chris, meu amor, quero aproveitar esse momento alegre para pedir que se torne a primeira e única Dama em minha vida — diz no microfone. — Chris, quer casar comigo?

Segurando o meu próprio antebraço, olho para o público à frente e tenho uma leve tontura.

— Sim — balbucio no automático e as pessoas aplaudem, e Jordan me dá um beijo lascivo. — Preciso sair daqui, não estou me sentindo bem — sussurro e ele dá um aceno afirmativo.

Confesso, não tenho apenas medo de falar em público. Tenho fobia. E isso muitas vezes se torna um problema na minha vida profissional.

— Onde está aquele mordomo incompetente? — Jordan me senta no primeiro lugar livre que encontra. — Vou pegar um copo de água para você. Só um minuto, meu amor!

Fico com os olhos fechados, puxando o ar até a tontura passar.

— Muitas emoções em apenas um dia! — Abro os olhos. Estou sentada junto a Gardner. — Está se sentindo melhor?

— Estou melhor, Koll — Ele encosta-se à cadeira, comprime os olhos e

me analisa. Olho para uma das suas mãos pousadas sobre a mesa. Dedilhando. O que ele está pensando? Sem jeito, desvio o olhar para o chão.

— Você é muito séria. — Ele se acomoda mais perto da mesa. — Não me lembro de você assim no colegial.

— Obrigada! — Dou um sorriso torto e continuo olhando para o lado oposto.

— Não foi um elogio! — Surpresa com a resposta o olho com rivalidade. — Tem certas qualidades que, em excesso, se tornam defeitos.

— Chris, sua água! — Após me entregar o copo, Jordan tem sua atenção desviada para Gardner. — KG, quanto tempo! — Koll se levanta e lhe dá um aperto de mão seguido de um abraço. — Tem muito tempo que chegou na cidade?

— Sim, mas você viajou e nos desencontramos. — Gardner ajusta a manga do blazer cinza grafite.

— Volta quando? — Me sinto um peixe fora d'água ouvindo a conversa.

— Vim apenas para cobrir o evento da festa Watson e participar... — interrompe fazendo suspense. — Bem... vou para Califórnia em breve.

— Esta é Christina, minha noiva!

— Eu sei! — Gargalham. É um tanto quanto óbvia e desnecessária essa apresentação, mesmo porquê já nos conhecemos.

— Se vocês não se importarem, vou me retirar. — Eles nem notam minha saída. É horrível se despedir ou dizer algo e não te notarem. Na verdade, isso me mata de raiva.

Tudo de que preciso nesse exato momento, é do meu apartamento. Vou embora. Amanhã converso com Jordan sobre o ocorrido.

Atravesso a enorme extensão até chegar ao pátio, onde os carros se encontram estacionados.

Dou três batidas no vidro fumê e Frederick abre a porta.

— Senhorita! — cumprimenta.

— Frederick, me leve para casa e depois volte para buscar minha mãe. — Fiz menção de abrir a porta traseira do Rolls Royce preto.

— Senhorita Christina, sua mãe deu ordens precisas para sairmos daqui apenas com a presença dela! — As mãos, cobertas com luvas brancas, seguram sem jeito o quepe contra a barriga.

— Frederick! — me exalto nervosa, pensei que ele fosse meu amigo! — Se não me ajudar, irei a pé!

— Desculpe, mas não posso deixá-la partir. — A pele negra não deixa cair sobre sua face o peso da idade. Não quis rebater, pois sei o quão aterrorizante minha mãe é ao dar uma ordem. Caminho em direção à saída. —

Senhorita, você não encontrará nenhum táxi nas proximidades. — Continuo andando, na intenção de desviá-lo das ordens dadas por Ashley. — Você andará mais de meia hora até encontrar a saída.

— Não tem problema! — Continuo a caminhar, sem olhar nenhuma vez para trás. Frederick não me impede e tampouco me ajuda.

PARTE 3 — A CARONA

Quando resolvemos caminhar sozinhos, ouvimos o nosso próprio pensamento. Eu não sei o que estava pensando quando dei as costas para Frederick, mas estou aproveitando a brisa que toca o meu rosto.

Já tem uns trinta minutos que apenas caminho!

Árvores, folhas e gramado neste período do ano passam a ter um verde mais vivo. Bem longe, vejo o portão da enorme mansão.

— Chris! — O citroën preto em velocidade reduzida me acompanha. — O que você está fazendo?

— Caminhando, Gardner — respondo e o ignoro.

— Eu sei! — Arqueia a sobancelha. — Você está indo muito longe, não acha? — Mantenho o silêncio. — Eu posso te ajudar?

— Não pedi sua ajuda!

— Qual o seu problema comigo? — Nem eu mesma sei.

— Nenhum — respondo, paro e ele abre a porta.

— Então, entra! — Olho para trás pensando se devo voltar ou continuar com a minha teimosia até o fim.

— Não vai conseguir outro carro tão cedo. — Ele dá um meneio com a cabeça pedindo que eu entre. Acabo cedendo. Bato a porta. — Para onde você quer ir?

— Nashville. — Fecho a janela evitando que o porteiro me veja no carro. Koll me olha de relance e continua dirigindo enquanto eu observo a paisagem através do vidro fumê. O portão de grade vermelha se abre. Estamos fora da propriedade. — Carro bonito!

Tento quebrar o gelo.

— Ah, é alugado — ele diz entrando na primeira à esquerda.

Fico sem assunto e permaneço calada. Koll me olha através do espelho interno.

— Azul ou verde?

— O quê?

— Seus olhos! — Dá um curto sorriso e volta a olhar para a pista.

— Verde. — Por que ele não liga o rádio ao invés de deixar o assunto morrer? — Se eu tiver te tirando do seu destino, pode me deixar em qualquer lugar, que eu pego um táxi...

Droga. Estou gaguejando. O celular toca e ele atende imediatamente.

— Gardner. — Dá uma pausa e olha para o número. — Toddy, você está no viva-voz.

— Estou com uma exclusiva na KGG. Consegue vir para cá? — pergunta a voz masculina do outro lado da linha.

— Estou longe do aeroporto de Nashville. Você não pode fazer isso? — Gardner continua focado na pista.

— Koll, seu pilantra! Tem uma garota aí? — Escuto Toddy sorrir. — É gostosa? — Fico constrangida.

— Toddy, está no viva-voz! — Ele me olha, dando uma sutil analisada. — E a coletiva na Califórnia?

— Esquece! O Mark topou o seu pedido, mas tem que ser hoje! Consegue chegar antes das 7 da noite? — Koll fica em silêncio.

— Consigo. — Toddy comemora do outro lado da linha, quem é esse Mark? — Vou desligar.

Gardner fica em profundo silêncio. Será que devo dizer algo? Koll revira o porta-luvas procurando algo que não encontra.

— O que você faz, Chris? — Aquela maldita pergunta que eu não sei responder.

— Apenas estudo. Exatas. — Ele olha minha mão fechada, escorada contra a janela.

— Dedos longos, dorso manchado... tinta! — Olha novamente, para ver se a leve marca verde não é um machucado. — Pensei que fosse pintora.

— Ah, *sim*... — Sorrio. — Eu pinto nas horas vagas.

— Legal! — Aprecia o diferencial. — O que você gosta de pintar?

— Situações do cotidiano. — Os pensamentos parecem fugir.

— Já vendeu ou expôs?

— Eu nunca pensei em ganhar dinheiro... Que bobeira, Koll. É apenas...

— Arte! — Eu ia dizer desenhos, justo eu que amo arte, estou desdenhando. — As pessoas consomem arte, Chris!

— Não a minha.

— Pessimista! — afirma. — Duvido que tenha tentado.

— Eu não sou pessimista... — Procuro algum escudo para me proteger dos meus medos. — Apenas não sou tão boa quanto Michelangelo ou Da Vinci. Já apresentei algumas das minhas obras e não foram aceitas.

— Então você desiste... — Dá uma pausa para ler a placa logo à frente.

[Retorno a 10 metros]

— Sabe, Chris, você não tem que ser melhor que outro artista, apenas seja melhor que Christina Beckham.

— Você acha que é fácil. Talvez seja porque passa a vida inteira

mentindo.

— Eu, mentindo? — Gargalhada. — Eu não minto. Quando quero algo, apenas afirmo para o destino e a todos que já consegui. Deveria tentar. — Ele franze a testa pensando. — Mas a qual mentira você está se referindo?

Ele não se lembra. Também, já faz tanto tempo.

— Nada, eu viajei! Não gosto de ser criticada.

— Certo. — Silêncio. — Você quis retratar uma realidade que nunca viveu. Por isso não conseguiu expor nenhum trabalho — diz seco sem dar voltas no assunto.

— O quê? — Idiota, não sabe o que está dizendo.

— Eu te observei desde o momento em que te vi chegar de braços dados com sua mãe. Você não interage com as outras pessoas. Aceita e faz coisas que não condizem com o que você quer por medo das críticas. Acha mais fácil colocar o controle nas mãos da sua mãe, do que pegar o volante da própria vida.

— Eu não quero ouvir você — minha voz custa a sair. — É mentira.

— Eu odeio isso. — Continuo em silêncio, olhando para o meu reflexo no vidro. — Eu odeio quando vejo alguém desistir antes mesmo de tentar.

— Eu não desisti — murmuro. Será que ele tem razão?

— Certo! — Koll gira o carro e volta para a direção de Memphis. — Eu estou atrasado e você vai pegar um voo para Carolina do Sul comigo.

— Koll, o que você está fazendo? — Ele parece não me ouvir. — Para o carro! — grito.

— Apenas 24 horas! Esse é o tempo que preciso.

[Aeroporto de Memphis, Tennessee]

Não consigo ler quantos km faltam para chegar, mas sem sombras de dúvidas, é bem mais perto que Nashville.

PARTE 4 — DECOLANDO

Koll retira o paletó, abre o porta-malas e pega uma mochila preta, onde provavelmente guarda o notebook, e uma bolsa de tamanho médio que abre para colocar a peça de roupa.

— Você foi um idiota jogando a minha carteira pela janela! — esbravejo ao seu lado, mas Gardner, sentindo o vento espalhar o seu cabelo negro, coloca os óculos escuros e observa através das lentes o estacionamento, que por sinal parece um deserto. — Você vai fingir que não está me ouvindo agora?

— Estou te fazendo um favor! — Dá um sorriso quase imperceptível e retira a única mala de rodas. — O dia está lindo, não acha?

— Agora está nublado... mas que diabos você está fazendo? — A passos largos, Koll caminha em direção à entrada do aeroporto, sem me dar a menor importância. — Você sabia que sequestro é crime?

— Eu não te sequestrai, apenas estou te levando para dar uma voltinha no meu mundo! — Como ele pode ficar tão tranquilo?

— Eu vou te denunciar para a primeira autoridade que eu ver na minha frente! — Ele para de uma vez, retira os óculos e me encara.

— Você não tem a mínima ideia de quem sou eu? — Fico um pouco assustada com a sua postura firme. — Eu faço as regras por aqui, então nada que diga terá efeito! — Antes de voltar a caminhar, dá mais um aviso. — Curta a viagem!

Dá uma piscada e segue até o guichê.

— Olá, docinho! — Retira os documentos e mostra para a atendente loira com o cabelo amarrado, usando um uniforme verde. Ela retribui o cumprimento galante com um sorriso. — O primeiro voo, para Carolina do Sul.

— Tudo certo, senhor Gardner. — Entrega o documento.

— Esta é Christina Beckham, noiva de Jordan Watson, e minha amiga. Tira um bilhete para ela, por favor!

— Documentos?

— Ela perdeu no caminho. — Dá um sorriso automático e a loira hesita em ajudar. Koll lê o nome da moça no crachá. — Jessica Oliver. Posso te chamar de Jessica?

Ela dá um aceno positivo.

— Coloca o nome da Christina, agora, estou com pressa! — Jessica entrega as duas passagens. — Obrigado.

É incrível o que pessoas com dinheiro, fama e poder — principalmente político — podem fazer.

— Boa viagem! — Koll é muito rápido. Em menos de vinte minutos já estávamos seguindo pelo corredor e entrando no avião.

— 15, 16, 17A... B... encontrei. — Primeira classe. — Por favor, a senhorita primeiro.

Sento-me ao lado da janela enquanto Gardner guarda a mochila e logo após se senta ao meu lado. Ele espera que eu faça algum contato visual, porém continuo nervosa e o ignoro.

— Tem quanto tempo que não sai para conhecer lugares novos? — Permaneço em silêncio e ele sorri. — Tudo bem! Vou tirar um cochilo e se quiser me chamar, fique à vontade.

Escora a cabeça na poltrona macia. Depois de meia hora vendo nuvens e mais nuvens, fico incomodada. Ele realmente dormiu!

“Aceita e faz coisas que não condizem com você, por medo das críticas. Acha mais fácil colocar o controle nas mãos da sua mãe, do que pegar o volante da própria vida.”

“Eu odeio quando vejo alguém desistir antes mesmo de tentar.”

As lembranças daquelas frases ecoam na minha mente. Suspiro fundo. Aquelas afirmações doem no fundo da alma.

Olho para Koll, que está dormindo com os óculos sobre a face. Ele parece cansado. Ajeito-me na poltrona. Fazia tempo que não viajava “sozinha”. Parece estranho sair por aí sem ter que dar explicações a alguém.

Sinto o toque do indicador no meu antebraço, desenhando círculos invisíveis sobre minha pele e provocando arrepios constantes.

— Achei que estivesse dormindo! — Ele interrompe o toque e joga as lentes na poltrona ao lado.

— Você queria ficar só com os seus pensamentos, então respeitei o seu espaço — a aeromoça para com o carrinho ao lado, oferecendo chá quente e um lanche de atum. Aceito apenas a bebida. Koll pega uma lata de refrigerante. — Agora que você está mais tranquila, longe daquele circo de emoções, poderia me contar porque irá se casar com o Jordan?

O gás da lata ao ser aberta por pouco não fez o líquido derramar.

— Porque já estamos juntos há dois anos e ele é um ótimo partido. — Sopro o chá.

— Sério? Sua resposta é essa? Eu achei que tivesse acontecido algo comprometedor hoje de manhã... — Ele seca as gotas de refrigerante que haviam caído na blusa cinza. — Merda! — resmunga.

— Eu não sei do que você está falando. — Procuro algo para concentrar

minha vergonha. Encontro apenas a porcelana branca sem nenhum detalhe artístico.

— Certo... — Morde o lábio inferior — Então, você o ama?

— Eu não tenho obrigação de te responder essas perguntas! — Ele arqueia a sobrancelha. — Você é muito indiscreto.

— Estou tentando puxar assunto! Não sei porque uma pergunta tão simples te incomoda. A não ser que você esteja se casando por outro motivo — não respondo. — Vou mudar de assunto.

— Seria ótimo! — Coloco a xícara na mesinha à frente.

— Você vem de uma família abastada, por que não investiu na sua carreira de artista? — Dá um gole na bebida e percebe minha demora em responder. — Vocês...

— Falimos!

— Oh, isso foi esclarecedor! — Encostou-se à poltrona, surpreso — Você não tem que pagar pelo luxo da sua mãe se casando com Jordan. Não é sua responsabilidade.

— Quem disse que eu estou fazendo isso por dinheiro? — Nervosa, coloco o cabelo atrás da orelha.

— Ah, então você aceitou aquela loira peituda na cama dele porque o ama? — Nos entreolhamos e ambos escoramos no acento. Fico envergonhada, e ele percebe que foi hostil. — Desculpe-me.

— Tudo bem! — sussurro chateada.

— Quer saber porque eu te trouxe comigo? — Gardner se curva na minha direção, forçando-me a prestar atenção em suas palavras. — Eu sou um observador e montei o quebra-cabeça no momento que cheguei. E poxa! Você, com tanto dinheiro a sua disposição, viveu economizando, mas deixou sua mãe gastar sua herança...

— Gardner!

— Não me interrompa. Eu vi você caminhando sozinha, procurando a saída para um problema simples. Chris, eu te trouxe para se divertir e se encontrar.

— Você quer que eu me divirta com tantos problemas? Koll, eu não sei o que é viver sem esse mundo com o qual já me acostumei. Assim que decretar falência... Koll, você tem sorte, é bom em tudo que faz!

— Você nem sabe o que eu faço e supõem que eu tenha sorte; — Sorri dando um aceno negativo. — Tem que aprender algumas coisas. Primeiro: não existe sorte sem dedicação. Segundo: o dinheiro só vai aonde houver diversão, então eu sou o que sou. Vendo areia até no deserto se precisar.

— O que você faz? — Reparo que não lhe perguntei.

— Você verá!
— Se você é tão bom, me mostre! — Ele dá um sorriso brilhante.
— Certo!
— O que você fará? — o desafio.
— Vou vender você! — Faço uma cara de espanto. — A sua arte é um
pedaço de você, bobinha!
— Idiota! — Ele dá uma gargalhada.

PARTE 5 — O IMPÉRIO

Demorou um pouco para conseguirmos pegar a bagagem, haviam muitas pessoas tumultuando o acesso. Caramba, como está quente, sopro entre os seios, procurando uma forma de me refrescar.

— Tome. — Koll me entrega uma garrafa de água que acabara de comprar.

— Obrigada! — Desenrosco a tampa e tomo o primeiro gole. Gardner continua caminhando, dessa vez não há pressa. Fico observando os diversos turistas com roupas floridas que vieram para Carolina do Sul.

— Bem-vinda ao verão que só existe na Carolina! — Ele dá um sorriso receptivo. Não há graça, estou transpirando.

— Babaca! — Continuo a beber a água enquanto olho a vitrine, pois em aeroporto e rodoviária você encontra uma diversidade de coisas incomuns, por exemplo, uma jardineira vermelha.

— Combina com você! — Arqueio a sobrancelha, até parece que ele entende de moda. — Pode ficar olhando as vitrines, vou só comprar umas coisas e já volto.

Eu poderia comprar.

Jogar minha carteira pela janela foi uma técnica infantil para me manter ao seu lado, para não utilizar meus cartões de crédito para ir embora.

Quinze minutos depois, ele reaparece comendo balas de alcaçuz.

— Isso é muito bom!

— Você vai ficar muito enérgico. — Cruzo os braços enquanto seguimos em direção à saída.

— Exatamente o que eu preciso. Quer? — Joga o saco de balas em cima de mim. — Você, mais do que eu, precisa adoçar a vida.

— Pode ser. — Tinha um tempo que eu não comia essas bobeiras.

O ar do litoral é vibrante. Carolina possui um desfile de cores em que a história é contada através das belas arquiteturas locais. Koll abre o porta-malas do táxi e guarda suas mochilas, em seguida me convida a entrar no automóvel.

— KG, é você? — pergunta o taxista animado, ele parece ser portoriquenho.

— Ei, beleza! Sou eu sim! — Koll muito simpático lhe dá um aperto de mão. — Me leva para a sede, por favor.

— Oh, com certeza! Eu sou seu fã! — Fã? Do que ele está falando? E

por que está chamando o Koll de KG? Isso me parece tão íntimo.

— Legal. Essa aqui é minha amiga. Christina Beckham é pintora! — Gardner nos apresenta como se já o conhecesse.

— Maravilha! Você fará alguma exposição aqui? — Não sei o que dizer. Silêncio.

— Provavelmente. Vamos ver o espaço e divulgar — assume Koll.

— Ela veio ao lugar certo, aqui é cheio de turista procurando por novidade! — O táxi para. — Precisando de ajuda, pode me ligar! Sou Diego.

— Obrigada, Diego, você é uma pessoa adorável! — Seu semblante demonstra estranheza ao receber o meu elogio. Não entendo. Às vezes acho que as pessoas não estão acostumadas a receber elogios.

— Não precisa, senhor, é um prazer servir! — Gardner guarda a carteira quando o motorista dispensa o dinheiro da corrida.

— Obrigado, Diego! — agradece, abre a porta e oferece-me a mão, ajudando-me a sair.

A primeira coisa que vejo é um prédio espelhado com enormes letras brancas, escrito KGG. Sinto-me ajoelhada diante da imensidão construída por aquele homem.

— Oh, meu Deus! — Giro nos próprios pés e olho de volta para Koll. Aquilo parece uma maravilha contemporânea que não condiz com as construções locais. — Por um acaso, este é o Estúdio...

— Da rádio KGG. Exatamente! — Ele sorri. Fico embasbacada. — Sim, eu sou o locutor KG! Vamos logo, Chris.

— Por que você não pagou o taxista? — Ele me puxa pelo braço, me conduzindo para a entrada.

— Porque ele disse que não precisava! E tudo que o universo me oferecer, não posso ser ingrato e recusar — passamos pela porta dupla que se abriu automaticamente. Uma linda morena com um terninho azul escrito KGG no peito nos cumprimenta.

— Olá, minha sereia! — Ele dá a volta no balcão e beija o rosto dela. — Laila. Cansei de carregar essas bolsas, vou deixar aqui, está bem?

— Tudo bem, KG. É bom ter você de volta! — Ela lança um olhar convidativo.

— Ah, essa é Christina, está comigo! — Dá as costas e me conduz até o elevador, que logo se abre.

Escorei-me na parede metálica enquanto subimos. Koll fica parado em minha frente me analisando.

— Por que não me disse quem é você? — Ele me lança um olhar fadigado.

— É uma vergonha você não saber quem eu sou ou, pelo menos, não reconhecer a minha voz. Mas não é essa pergunta que você quer fazer!

— Você faz social com todo mundo para conseguir o que quer?

— Basicamente! O sucesso não depende apenas de uma pessoa com quem você fala no dia a dia. Depende de várias pessoas que você atinge, mas se você quer saber se eu transei com a Laila, a resposta é: ela é muito boa — diz com espontaneidade.

— Eu não te perguntei isso! — Cruzo os braços.

— Eu não entendo, então, porque fuzilou a Laila com o olhar. — Sorri.
— Vocês mulheres sempre invejando a liberdade de escolha uma das outras.

— Como você começou... tudo isso?

— Saindo da defensiva. — Gardner se aproxima, espalma uma das mãos na parede e descruza os meus braços. — E partindo para o ataque.

Fita-me profundamente enquanto as palavras saem de sua boca carnuda.

PARTE 6 — TÁ NO AR

Senti meu coração disparar, porém a aproximação provocativa foi contida quando, subitamente, a porta do elevador se abriu revelando uma mulher de corpo avantajado e cabelo loiro — usando óculos de grau, jeans e uma blusa de frio preta — parecendo ser muito descolada.

— Até que enfim, bonitão! — diz ela com as mãos ocupadas segurando folhas e, ao mesmo tempo, ajeitando o enorme fone preto. — Temos meia hora até o Mark chegar.

Mesas e computadores. Deve haver naquele ambiente uma equipe de dez pessoas agitadas.

— Olá, minha musa! — Koll a abraça. — Débora, essa é a Chris, vai participar.

— Tudo bem, amor! — brinca e ambos se direcionam para o corredor ao fim da sala.

— Por que um prédio tão grande? — indago.

— Ah, outros negócios importantes nos andares de baixo — responde de imediato enquanto Débora olha os relatórios.

— Por que o segundo G? — pergunto olhando para a pintura azul na parede (KGG).

— É só olhar nas calças dele e irá descobrir! — brinca Débora.

— Fala sério, Deby! — Gardner solta uma risada gostosa. — Você lembra do Gad, meu irmão?

Fomos interrompidos por um homem de cavanhaque e cabelo ruivo.

— KG, seu veado! — Abraça Gardner por trás e o tira do chão.

— Toddy, deixa de ser bicha e me solta! — Gargalhadas. Koll lhe dá uma gravata e o abraça. Este deve ser o cara do telefone.

— Você trouxe a garota! — Os dois me olharam. — Ela é gostosa mesmo!

— Zarpa daqui, Toddy! — Deby o empurra, botando ordem na bagunça. — Vocês dois vem comigo!

— Desculpe-me, Chris! Eu criei um ambiente bem descontraído para que as pessoas se divertissem na empresa, mas de vez em quando elas exageram. “Ei, beleza” — cumprimenta o asiático que acabara de passar no corredor extenso. — KGG significa Koll e Gad Gardner.

“Já volto” — um bip no celular faz com que Deby se retire.

— O que o Gad faz na KGG?

— Administração. Quando começamos, eu era melhor em comunicação e ele em administração. Juntamos e deu certo. Essa é a sala dele — abre a porta.

— Ei, Gad! Diga oi pra Chris.

Ocupado ao telefone, ele dá apenas um aceno. Os irmãos Gardner fisicamente são parecidos, mas Gad é bem magro. Koll fecha a porta. Chegamos ao fim do corredor e viramos à direita e subimos a escada.

— Estou cansada! — digo fadigada, enquanto subo os degraus.

— Já? Nem começamos — o próximo andar é mais tranquilo. Um espaço grande e uma única sala.

A janela de vidro acústico me dá a visão do que há lá dentro. Na porta está escrito “Estúdio”.

— Você é apenas um locutor, como consegue tantas regalias por onde passa? — Koll me olha com desdém.

— Não sou apenas locutor! Sou um ótimo parceiro nos negócios, e ninguém quer ter a KGG como inimigo. Correr o risco de ter uma crítica destrutiva rolando na mídia não é legal! — Abre a porta. — Sente-se, por favor.

— Então é assim que conseguiu o seu império? — Ele se acomoda na cadeira à minha frente, com as pernas esticadas e os braços cruzados. Sinto um enorme frio quando entro no estúdio.

— Tudo se resume a fazer o que for necessário para chegar onde precisa, Christina. Nunca precisei de um fracasso para ter sorte! — Desvia o olhar para o chão, deixando o silêncio matar as próximas palavras.

— Desculpe, não quis parecer rude.

— Eu deveria ter pegado uma blusa de frio para você! — Sorri em minha direção. — Como você vê o seu primeiro lançamento? — Não respondo. — Vamos, diga, pensamentos são gratuitos.

— Você nunca tem dúvidas? Sabe... — Gardner se levanta enérgico com a chegada do convidado e nossa conversa é encerrada.

— Obrigado por aceitar o meu convite, Zulkerberg! — Dá um aperto de mão e um abraço lateral, e o direciona para uma cadeira.

— Só Mark! — responde com um sorriso tranquilo. — Obrigado!

— Vamos ao ar em menos de 5 minutos. — Deby entra, fecha a porta e começa a ajustar os aparelhos sobre a mesa quadrada repleta de equipamentos que eu não faço ideia de como usar, Koll me dá um fone de ouvido e dá outro para Mark. — Vamos entrar no ar em três, dois...

A música de introdução da rádio começa a rolar.

— Boa noite, estamos de volta com a programação KGG, 07 de fevereiro, sexta-feira. A nossa convidada de hoje é a pintora Christina Beckham.

Chris, está gostando da Carolina do Sul?

Ai, meu Deus, eu achei que ia ficar quieta no meu canto ouvindo tudo! Droga.

“Não tem público e nem palco aqui, somente amigos” Ele escreve no tablete e me mostra.

— Oi, galera. Ainda tenho muito que conhecer, mas a cidade é muito bela — as primeiras palavras saíram com naturalidade.

— O que você achou de diferente em relação a Tennessee? — O Koll é maluco. O que ele está fazendo?

— Tudo! — Sorrio. — Carolina é uma cidade do litoral perfeita para turistas, Tennessee é um lugar mais tranquilo.

— Que fofa ela, KG! — interage Deby.

— Novidade quentinha em primeira mão, Deby, a nossa convidada veio para uma exposição no museu principal da Carolina.

— Que tudo, gata, vamos divulgar no Facebook como participar do evento — completa Deby. — A KGG vai estar lá.

— Eu queria mandar um abraço para o taxista Diego e a todos que estão trabalhando e ouvindo a rádio. E também para o meu parceiro Tayguer, que foi para Califórnia cobrir as novidades locais. — Koll troca a música.

— Notícia quente: o governador Watson e sua esposa Lisa completaram bodas de prata. A comemoração que esbanjou uma nota do dinheiro público, foi marcada por momentos indiscretos de Jordan e um pedido de casamento surpreendente. “Eu sou Débora Lohal, da KGG para o mundo”. — Fico chocada quando Deby lê aquela nota em uma das folhas. O que a família Watson irá achar disso tudo?

Logo após, nem eu, nem Deby interagimos. Apenas Koll e Mark.

— Hoje temos aqui um cara genial. Ele está na lista das pessoas mais poderosas do mundo. Hoje nosso ilustre convidado aqui na KGG é Mark Zuckerberg, o criador do Facebook. Ele irá contar um pouco da sua história e como foi criar o Facebook. Mark, tudo bem?

— Estou ótimo, é um prazer participar da KGG! Olá, ouvintes! — Koll mexe na mesa e troca o áudio da música de fundo com bastante facilidade.

— Nós é que agradecemos sua presença! Mark, quando teve a ideia, aos 19 anos, era isso que pretendia? Teve uma visão do futuro ou vai além do que sonhou?

— É curioso. Quando estava a conversar com os meus colegas de quarto na faculdade, não pensamos que poderíamos criar uma empresa. Éramos só estudantes universitários. Criávamos coisas porque achávamos legal. Contudo, lembro-me de conversas com os meus amigos em que dizíamos: “Alguém vai

criar isto”, “alguém vai criar uma forma das pessoas se manterem ligadas aos amigos e a família.” Mas nunca pensamos que iríamos contribuir para orientar toda a internet neste sentido.

— Embora seja um homem discreto, você dirige um vasto império. O Facebook tem um ambiente bem competitivo, onde vários engenheiros viram a noite e o dia criando códigos. Você participa das atuais criações?

— Sim. Eu também escrevo códigos junto com todos os outros.

— Proteção de dados. É um assunto polêmico, Mark, já que o Facebook tem acesso às nossas informações. Vocês vendem informação?

— Nunca vendemos a informação sobre as pessoas. Os anunciantes que usam o site nunca têm acesso às informações.

— O filme A Rede Social foi um sucesso e mostrou muito mais que um aplicativo, mostrou o Mark Zuckerberg. Qual foi a reação das pessoas com você depois do lançamento? Já que muitas vezes você foi retratado como uma pessoa insensível.

— Houve duas reações. Há um conjunto de pessoas que tem seguido a história do Facebook e percebeu que alguns aspectos do filme eram verdadeiros e outros falsos. O restante das pessoas, ficaram surpresas e espantadas com o fato do Facebook ser suficientemente interessante para dar um filme. “Nunca ouvi falar de Mark Zuckerberg, mas deve ser interessante.” Recebi imensas mensagens de pessoas que usam a rede e disseram que o filme as inspirou. É ótimo, é fantástico saber que o filme trouxe algo bom para elas.

— No começo pensou em desistir ou vender?

— Nunca. Eu acredito no Facebook.

— Mark, eu adoro a sua história, o seu entusiasmo pelo seu sonho. Foi um prazer ter você aqui!

— Obrigado a todos! Ouvintes, Deby e Chris — despede-se Mark.

— Este foi mais um grande momento. “Meu nome é Koll Gardner, da KGG para o mundo!” Fiquem agora com meia hora de músicas direto, sem intervalo. ^[4]

PARTE 7 — INVESTIDA

Fomos para a sala base, onde Koll se gaba pela proeza de convencer Mark a lhe conceder uma exclusiva, já que, há muito tempo, não participava de nenhuma entrevista.

— Garotão, batemos 2.1 a mais de audiência que ontem — relata Deby. Koll, que estava sentado na mesa rodeado de pessoas, se levanta imediatamente.

— KGG, conseguimos ultrapassar a nossa meta — todos comemoram, realmente ele ama aquele lugar. Até eu acabei me divertindo um pouco com aquela agitação. — Isso merece uma comemoração, quem topa uma gelada? — Agito. — Mas eu não vou pagar nada. — Gargalhada.

A galera brinca soltando algumas vaias.

— Por um minuto achei que Deus havia tocado seu coração! — zomba Toddy.

— Deus multiplica muitas coisas, exceto cerveja, meu amigo! — Os funcionários começam a se retirar, apenas alguns ficam.

— Qual o seu nome, gostosa? — pergunta Toddy me dando um abraço lateral.

— A gostosa tem nome, Christina! — Koll o repreende com o olhar. — Vaza, Toddy!

É a primeira vez que vejo Gardner dando uma ordem, bastante sério. Toddy levanta as duas mãos, sinalizando que me soltou, pega a bolsa e se direciona para a saída junto com Deby, que faz uma expressão de surpresa e deboche.

— Está tudo bem? — Koll dá um sorriso lateral enquanto organiza alguns formulários que se espalharam quando ele sentou sobre a mesa.

— Sim! — Continua organizando. — Espera só um minuto.

Corre até a sala de Gad, abre a porta, diz algo que não posso ouvir e volta.

— Vamos?

— Para onde? — Cruzo os braços.

— Para a festa! — Ele descruza os meus braços e pega a minha mão.

— Eu não combino... com festa! — balbucio.

— Você não combina com as festas da família Watson! — Começa a me puxar para a saída. — Nas minhas festas, você pode ser quem você quiser, que ninguém se importará.

Entramos no elevador, quando a porta estava quase fechando, uma mão interrompe.

— Olá, senhor Gardner! — cumprimenta o asiático, ele parece ser o único que não combina com o ambiente agitado. Koll dá um aceno com a cabeça, morde o lábio inferior e coloca as mãos nos bolsos. Parece nervoso.

— Você vai, Ryo? — O garoto, com a bolsa preta lateral, fica nitidamente incomodado com Gardner.

— Não, senhor, vou para o curso. — Koll dá um aceno.

— Ryo, não me chame de senhor. — O elevador abre, e o garoto some como o vento.

Tranquilamente, Gardner caminha até a recepção.

— Sereia! — Pega as mochilas.

— Koll, seu irmão mandou dizer...

— Que o carro está na garagem! — interrompe, lhe dá um beijo no rosto e pega as chaves que estão nas mãos de Laila. — Até, sereia!

A garota, que antes estava muito animada tentando mostrar-se útil, se sente ignorada quando Koll a trata com certo descaso. Mas, na verdade, KG parece cansado. Ela me lança um olhar irado, como se eu tivesse atrapalhado algo.

— Chris, vem! — O elevador sobe e Koll prefere descer as escadas. Fecho a porta atrás de mim, tenho dificuldade para acompanhá-lo, já que eu estou com saltos e ele é muito rápido.

— Ah, dá para me esperar? — Ele nem ao menos olha para trás. — Merda, tudo que eu queria hoje era a minha casa — sussurro.

— Para de reclamar, Christina. — Ouço o bip do carro, logo após o vejo abrindo o porta-malas da lamborghini gallardo preta. — Você só soma o que te irrita, contabilize o que você ganha se divertindo.

— Desculpe, é que eu não sei o que estou fazendo aqui! Me mande para casa, Gardner.

— Você não está se divertindo? — Ele se escora no carro.

— Eu não faço parte dessa diversão. É o seu mundo e eu estou interferindo... — Ele olha para o lado e gira as chaves.

— Você não está aqui porque simplesmente te encontrei no meio do caminho. Eu poderia ter te colocado em um táxi desde o início e me livrado de você. — Cruzo os braços. Ele se aproxima e estaca bem em minha frente. — Você está aqui porque eu quero!

Nos entreolhamos sem dizer uma só palavra. O celular de Koll toca, ele revira os olhos, mas atende imediatamente me dando as costas e abrindo a porta do carro.

— Gardner. “Chris, entra” — sussurra. — Já estou indo, coloca o meu nome e o da Chris na lista, paixão. Vou desligar.

— É a Deby? — Ele dá um aceno positivo. — Vocês dois...

— Eu não faço o tipo dela! — Ajeita o espelho interno. — Mas você faz!

— Oh, estranho! Certo.

Gardner dirigiu cerca de quinze minutos e estacionou em frente a um enorme bar com vista para praia. O segurança, já o conhecendo, apenas deu um sorriso acompanhado de “Boa noite”.

As duas cordas e o tapete vermelho formavam um corredor por onde seguimos. A moça no balcão libera a entrada, sem a necessidade de confirmar os documentos.

— KG! — Deby dá um aceno com a mão, nos chamando para sentar no fundo com o grupo. Já são quase nove horas da noite, o bar está lotado e a música super alta. Koll segura minha mão e abre caminho. Sua mão grande e macia faz com que eu me sinta segura. — Chegou quem faltava.

— Júlio, serve uma rodada para a galera — diz KG, e o garçom traz quatro torres de cerveja, deixando uma em cada mesa. Na TV, no mudo, passa o campeonato de basquete de um time que eu não conheço.

Koll fica vidrado na tela, basquete é uma das suas paixões. De copo em copo, ele vai bebendo e torcendo com os outros garotos que curtem o esporte. Ele não fica bêbado, mas dá altas gargalhadas, ficando mais alegre do que já é.

— Como foi à festa dos Watson, Koll? — pergunta Deby.

— Chata pra caramba! — responde sem desviar os olhos da TV.

— E o tal casamento? Foi armado mesmo? — Koll olha para mim sentada entre eles. — Eu não entendi porque você falou tão pouco sobre isso no e-mail, podíamos refazer a matéria...

— Licença, eu vou ao... — Levanto-me da mesa enojada só de saber que a qualquer momento o meu nome poderá estar envolvido em uma fofoca.

Eu não armei nada! Estou me sentindo usada, ele deve ter me trazido para descobrir alguma informação dos Watson.

Entro no banheiro e lavo o rosto. O pouco tempo que passei na Carolina já fez minha pele ressecar. Fiquei pelo menos uns dez minutos lá dentro, longe daquela bagunça. Só saí quando entrou um monte de garotas ao mesmo tempo para retocar a maquiagem.

Há um espaço razoavelmente grande onde as pessoas estão animadas e dançando. A dificuldade agora é chegar do outro lado, bem que eu poderia ir

embora. Ah, claro, aquele babaca jogou minha carteira fora.

Tento passar pela lateral do bar, mas vários garotos param no meu caminho me dando cantadas. Um rapaz loiro, dos olhos azuis tão claros quanto o céu, me puxa.

— Dança comigo? — pergunta no meu ouvido quando a música “Don't - Ed Sheeran” começa.

— Eu não sei... — respondo, e ele gruda em mim.

— Também não, mas eu não quero me sentir estranho perto deles. — Dá um sorriso galante apontando para os amigos. A resposta me convence, já que eu também estou me sentindo deslocada novamente.

“*Koll, a sua gata está fugindo*” — Ouço a voz de Toddy sobrepondo a música.

Estava me divertindo, até o loiro escultural tentar me beijar. Viro o rosto.

— Meu nome é Willian. Qual o seu nome? Olha para mim! — Ele puxa o meu queixo.

— Me solta! — A mão dele desce até minhas nádegas.

— Só um beijinho! — William tenta forçar um beijo.

— Solta ela! — Sinto a mão de Koll na minha cintura, me puxando para trás e empurrando o loiro para o outro lado. — Ela está comigo.

A equipe da KGG solta assobios. “*É isso aí, KG*”.

— Relaxa cara! Eu não sabia. — O garoto se afasta. Koll para em minha frente e lança um olhar raivoso.

— Você gosta de dançar? Legal! — Me gira e puxa de volta, colando seu corpo junto ao meu.

— Eu não quero dançar com você!

— Por que você me trata assim? Eu só te quero bem, Chris! — Eu não quero aquelas mãos e olhos sobre mim, pois eu sinto algo que aos poucos não consigo controlar.

— Você mente, Koll Gardner! E eu te odeio por isso. — Tento sair, mas ele me puxa, abraçando-me por trás. — Você só quer me usar para descobrir alguma sujeira da família Watson.

— Eu até quero te usar, mas não dessa forma! — Aquela voz sedutora no meu ouvido faz o meu corpo estremecer.

Seus grandes lábios se arrastam com sua respiração pesada em meu pescoço, até chegar na minha orelha novamente. Sinto uma leve sucção e fecho os olhos. Koll me gira, me colocando de frente para si. Ele ousa tentar me dar um beijo, mas com muito custo, desvio.

— Comprometida... — sussurro com dificuldade, sentindo sua testa contra minha. — Estou confusa.

Ele começa a distribuir leves beijos em meu rosto, enquanto uma forte tensão sexual cresce. Tento me afastar.

— Chris, espera só um minuto. — Koll dá uma leve olhada para baixo e eu o sinto rígido. — Para com essa porra de ser certinha e fica comigo.

— Eu sinto muito, mas não posso ficar mais nenhum minuto tão perto de você! — Ele me gira novamente, me deixa de costas, colando seu corpo no meu.

— Então vamos embora! — Me direciona para a saída.

Atravessamos a rua indo até a praia, que está pouco movimentada. Agora devem ser umas dez e meia. Há algumas pessoas em volta de uma fogueira onde um luau acontece.

— Oh, meu Deus! — Koll senta-se no meio da praia, parece maluco. — Merda, uh... uh, merda...

Começa a se despir, retirando os sapatos, camisa e calças, então joga tudo no chão deixando a vista seu peitoral malhado e o enorme volume na frente. Corre até o mar e dá um mergulho. Meu Deus, que corpo escultural: com costas largas, uma bunda grande e perfeita.

— *Uhhuu.*

A galera do luau vibra com a coragem de Koll de pular no mar gelado. O ato faz com que outras pessoas audaciosas pulem também.

— E aí, beleza? — cumprimenta o rapaz de dread com roupas coloridas. — Você não vai pular, não? Vai lá, é divertido! Tá ligada?

Koll balança o cabelo preto e dá um sorriso grandioso, me olha e me chama. “Não” aceno e ele insiste me chamando com as mãos. Aquele moreno vai me deixar maluca.

Uma mulata tenta brincar com ele, a fim de lhe chamar a atenção, porém Koll segura em sua cintura e gentilmente a lança para o lado. Gardner, percebendo que eu aceitaria, não retira os olhos de mim por nenhum segundo.

Continuo com o top, retirando apenas a enorme saia e os saltos. O short curto e preto que uso por baixo faz com que a vergonha seja reduzida.

Aproximo-me do mar e sinto a água gelada bater nos meus pés. *Eu não vou conseguir.* Koll vem correndo, me pega no colo, me carrega e me joga dentro do mar.

Dou um grito sentindo a água fria.

— Se segura em mim, as ondas aqui são um pouco fortes. — Seus olhos brilham, a boca carnuda rosada carrega um sorriso gentil. Não consigo parar de olhar para Koll. Estou tremendo de frio, mas o corpo de Gardner está sempre quente.

A tensão é tão forte que ele me surpreende com um beijo ténue, meu coração dispara. Eu ainda não havia experimentado aquele sentimento, que foi

interrompido por uma onda. Ele dá uma gargalhada quando a onda passa. Logo estávamos misturados com o resto da galera da praia.

PARTE 8 — CAVALHEIRO

Sentamos em volta da fogueira vendo o fogo crepitar. Wally, o rapaz loiro de dread, inventa alguma música no seu velho violão amarelo, enquanto um cigarro pouco convencional passa de mão em mão.

— Não, obrigada! — respondo quando me oferecem. Koll, já vestido, cruza a roda com uma garrafa e para em minha frente, pega o baseado, dá apenas um trago e passa para frente. Logo após ele senta ao meu lado. — Sério isso?

— O que foi? Aguça a criatividade. — Dá um sorriso caprichoso abrindo a garrafa. — Bebe, é bom para esquentar o sangue. — Me dá a garrafa de vodca. Tomo um gole no gargalo e tusso sentindo a queimação. Koll pega a garrafa de volta vendo a minha cara, toma um sorvo e deixa a garrafa rodar entre as pessoas.

— Vem cá! — Me puxa para o seu abraço, onde tenta esquentar os meus braços gelados.

— E aí, KG? Amanhã tem um circuito, bora? — pergunta Wally.

— Beleza, eu sei aonde é. — O rapaz volta a tocar ao obter a resposta de Koll.

— Koll... aquilo não voltará a acontecer! — Gardner fica sério e olha para o brilho das chamas. — Koll, é sério!

— Você está estragando o meu barato! — Respira fundo e dá um impulso se levantando. — Está frio e você está molhada. Vamos, antes que você pegue um resfriado.

Pego os saltos ao meu lado e o acompanho até chegar à calçada.

— Onde está o seu carro?

— É do meu irmão, ele já pegou. — Coloca as mãos nos bolsos, vendo a minha cara de surpresa pensando em como iríamos embora. — Vamos a pé, senhorita Christina. Gad levou as minhas coisas para o meu apart-hotel.

— Vocês moram juntos? — Atravessamos a rua, seguindo para o lado mais calmo da cidade.

— Não! — Observamos as antigas construções da Carolina do Sul, pelas quais é contada a história de um passado remoto.

— Koll, você disse a todos que faremos um evento... — Não sei se ele está em condições de conversar, embora pareça completamente normal. Bem, ele não é normal.

— E faremos. O museu “North Museum of History” nos ligou após o

programa para lhe oferecer o espaço. — Passamos em frente a uma enorme casa colonial com belo gramado. A agitação dos turistas ia ficando para trás, embora fosse possível ver ainda muitos enamorados desfrutando da intensa noite. — Já ia me esquecendo.

Tira o celular do bolso e disca enquanto caminhamos em direção ao coreto no centro da praça.

— Pedi a uma transportadora de confiança para buscar os seus quadros. Diga a sua mãe para liberar a entrada deles assim que chegarem. — Me entrega o aparelho.

— Alô, quem fala? — Escuto a voz conflitante.

— Ashley, é a Christina.

— Meu Deus, Christina, onde você se meteu? Eu já estava desesperada, liguei até para a polícia! Pediram-me 48 horas para te dar como desaparecida. Querida, está tudo bem?

— Mãe, Ashley, eu estou bem. Escuta! — Ela não para de falar um monte de coisas sem sentindo. — Amanhã vai uma transportadora em casa, para buscar os meus quadros, libere a entrada.

— Como assim? Quadros, Christina? O que você está fazendo? Onde está? Como você some da festa dos Watson sem dar explicação? Estão todos preocupados com você.

— Preciso desligar, apenas faça o que eu pedi. — Ela continua falando. Koll toma o celular das minhas mãos, evitando que eu continue um possível assunto inoportuno.

Subimos os degraus do monumento feito de mármore, que parece uma caixa de bailarina. O suave jazz toca não muito distante.

— Boêmio, não acha? — Sorrio em afirmação. — Eu gosto da Carolina porque consigo viajar no tempo quando estou aqui. — Nos debruçamos no parapeito, vendo as luzes baixas daquele ponto na cidade. — Naquela direção da praia, aqui, começam as antigas construções, do outro lado, há natureza e esportes. E daquele lado... lá longe, está vendo? Luxo, muito luxo, trazido pelos resorts. — Aponta com um sorriso ameno, admirando o lugar.

— Chris, o que eu fiz no ensino médio que te deixou com tanta raiva? — Lanço um olhar negativo. — Eu juro que não tenho a mínima ideia do que é.

— Você se lembra do acampamento... — hesito. — Deixa, é passado!

— Você por acaso está falando da noite em que me ajudou a procurar a minha ex, Lorena? — O fuzilo com o olhar. — Juro que eu não sabia que ela ia fazer aquilo.

Solta uma gargalhada.

— Ah, sim, você não sabia que ela ia me empurrar para dentro daquele

mangue na frente de todos da escola?

— Christina, você parece atrair trote por onde passa. Eu não tive nada a ver com aquilo. A Lorena tinha uma implicância maluca com você.

A minha imagem suja de barro e o brilho das lanternas se acendendo com todos rindo é um pesadelo em meio as minhas lembranças.

— Claro que você sabia, Gardner! — digo com ironia. — Por mim, tudo bem, já passou. — Ele tenta segurar o sorriso, mas escapa. Debochado.

— Chris... como eu digo isso... — Me escoro de costas com os braços cruzados. Koll se posiciona em minha frente e pega minha mão, desarmando minha defesa. — Aquela noite, quando a Letícia me avisou que a Lorena havia sumido, era normal que eu pedisse a sua ajuda, você conhecia aquelas trilhas como a palma de sua mão.

Esfregou a ponta dos dedos na minha palma.

— Não acredito em você, eu lembro que você vivia implicando comigo. — Ele pousa o olhar no chão.

— Se você não percebeu, eu estava, na verdade, sabotando seus namoros. É por isso que algumas vezes fui um pouco mau. — Não entendo. — Eu sempre gostei de você, Christina.

Pisco incrédula.

— Koll Gardner, não espere que eu acredite... — Tomando minha cabeça entre suas mãos, Gardner me cala com um beijo pecaminoso, que suavemente foi se demorando, a fim de apreciar cada movimento dos nossos lábios.

Seu olhar terno se abre bem devagar e com um gesto carinhoso sinto as pontas dos seus dedos colocarem meu cabelo atrás das orelhas.

Ele me contempla com delongada devoção, enquanto uma de suas mãos escorrega até a minha cintura, forçando para que eu me mantenha colada ao seu corpo rígido. O magnetismo do seu olhar me hipnotiza.

— Eu não mentiria para você, Christina Beckham! — Admira o meu pequeno brinco de ouro enquanto diz tais palavras.

— Para onde vamos? — balbucio com dificuldade sem saber como fugir do seu encanto. Seu olhar parece perdido em mim.

Ouçó um relincho vindo da calçada.

— Vem comigo! — Me puxa pela mão, fazendo com que eu caminhe rápido, dá um assobio alto e uma carruagem não muito distante para.

— Olá, meu jovem senhor, permita que este humilde plebeu, sem nenhum tostão no bolso, dê a sua dama um passeio digno de uma princesa? — pede ele.

— Você é o KG? — Ele dá um aceno com a cabeça. — Reconheceria sua

voz em qualquer lugar, me surpreende que esteja sem nenhum dólar no bolso, estando com uma moça tão bela. — Ele dá um aceno com a cabeça, afirmando a ironia de ter deixado tudo com o seu irmão. — Não vamos deixar a dama esperando, subam logo.

Gardner segura minha mão, me ajudando a subir na elegante carruagem guiada por um senhor que faz questão de usar uma cartola e um traje muito elegante.

— Pode seguir direto — Koll diz, se sentando ao meu lado e jogando o braço sobre os meus ombros.

Sentir a fragrância do seu perfume tão de perto é embriagador. Enquanto ele acaricia com a ponta dos dedos o meu antebraço, eu apenas observo a sua pele vermelha acastanhada.

Ergo a cabeça para ver o seu olhar baixo e seus lábios carnudos se curvaram para um delicioso sorriso. Ele logo em seguida segura meu queixo para selar meus lábios com um beijo.

— Pode parar na frente daquele prédio — diz Gardner após vinte minutos. O senhor, sabendo que aquela carona se converteria em marketing, não cobrou nada. Koll me ajuda a descer da carruagem.

PARTE 9 — EXÓTICO E SABOROSO

U ltrapassando a elegante entrada do antigo prédio, me deparo com uma dupla escadaria luxuosa — como asas de um anjo — forrada com tapete vermelho. O oval formado leva para um segundo ambiente, onde um maravilhoso lustre se apresenta no salão de mármore. Um ambiente propício para festas.

— Boa noite, Sr. Gardner — cumprimenta a senhora branca, magra e com um escuro cabelo que insiste em se tornar grisalho. — Seu irmão guardou suas coisas e pediu para lhe entregar as chaves da sua suíte.

— Obrigado, Ruth — agradece Koll pegando as chaves. Ele pousa a mão em minhas costas, conduzindo-me para subir a escadaria. Viramos à direita, que logo deu entrada a um corredor onde a luz, rubro degrade, é bem suave.

Chegando ao terceiro andar, ele para diante de uma escura porta de madeira, revira as chaves e destranca.

— Pode entrar.

Gardner sorri, revelando um ambiente luminoso com uma refinada decoração. Delongando sobre os moveis, pude captar cada traço decorativo de extremo bom gosto... Opa!

— Uma cesta? — Olho de soslaio para Gardner, ao ver uma cesta de basquete acoplada em uma das paredes.

— Eu gosto de basquete! — responde rindo.

— Como deixaram você colocar uma cesta aqui? — pergunto vendo-o se sentir confortável com o ambiente.

À minha frente, há uma enorme janela escondida atrás de uma cortina dourada e branca. À minha esquerda há um sofá de couro preto, e à direita, duas poltronas cor creme.

— Eu simplesmente coloquei... e depois paguei uma multa, claro!

O enorme ambiente tem vista para uma sala de jantar, com uma maravilhosa mesa negra de apenas quatro lugares e uma adega visível, dividindo espaço com uma simples cozinha.

— Eu nunca pensei em ver você morando em um lugar como esse — digo impressionada.

— Por quê? Antes que responda, acho melhor trocar essa roupa. — Ele caminha em direção a uma porta que eu nem havia notado. — Você deve estar morrendo de fome!

— Eu não trouxe roupas, não deu tempo de colocar nas malas — ironizo, entrando no quarto onde uma enorme cama se encontrava forrada com edredom cinza de puro algodão. — Essa cidade é bem calma, diria que quase familiar, e você parece...

Ele parou de vasculhar o enorme guarda-roupa.

— Ah, já sei! Eu não me pareço com um homem decente, Christina? — Ele dá uma risada mordaz e me entrega uma blusa branca comprida com os dizeres “I Win, You Win” (Eu ganho, você ganha). — Você tem razão, estou longe de ser decente.

Antes de sair do quarto, espalma as mãos no batente da porta, então olha para cima, ainda concluindo o pensamento.

— Eu apenas vivo cada possibilidade. Não sei porque a surpresa, depois de termos morado naquela cidade longínqua. Agora, você, Christina, o que faz em Nova York? — Ele sai me deixando tirar a roupa.

— Eu estou prestes a terminar a faculdade de contabilidade — respondo tirando o tope molhado e gelado. E a porta se abre repentinamente. — Koll!

— Desculpa, ia dizer que se quiser pegar um short, cueca... — Gargalha. — Pode revirar o guarda-roupa.

— Sai daqui! — Ainda com um dos braços na frente dos seios, joga o travesseiro em sua direção e rapidamente ele fecha a porta.

— Eu penso que toda pessoa que presta exatas é bem maluca! — Escuto a voz distante, enrolo o cabelo e aproveito para tomar banho.

Termino de me arrumar e vou até a cozinha.

— Espero que goste de omelete e bacon. — Dou um aceno positivo. Não é apenas o cheiro que está maravilhoso, o sabor também.

— Não imaginei que soubesse cozinhar. — Ele tira os pés que se encontravam esticados na cadeira à frente, e se levanta.

— Vem comigo! — Me retiro da mesa e o acompanho. — Eu pedi ao Gad que trouxesse um presente para você.

Cruzo os braços, caminhando atrás dele.

— Eu queria ver como você faz. — Ele entra no quarto e me traz uma caixa com material para pintura. — Espero que tudo que você precise esteja aí.

Pisco incrédula, olhando placidamente de um lado para o outro.

— Eu não posso... nunca alguém ficou me observando. — Dou uma curta risada com descaso. — Definitivamente, não.

Vou até o cortinado e abro uma fenda, por onde posso espiar a rua. O

meu curto cabelo se agita conforme a brisa entra pela janela, fazendo queimar de frio o canto dos meus olhos que se umedecem.

— Christina! — Fecho a pesada cortina, olho para a tela. — Fiquei na dúvida entre tinta e lápis. Mande trazer os dois.

— Preciso de algo resistente para apoiar a tela. — Ele olha em volta e pega um livro de capa dura. “Atlas”.

— Eu gosto de viagens, então...

— Eu sei — o interrompo. — É meio estranho pintar assim, eu só pinto quando estou inspirada!

— Achei que você estivesse! — Ele me fita, querendo abordar o que aconteceu entre nós.

— Koll, por favor. Aquilo não voltará a se repetir, eu estava um pouco embriagada e você também. — Ele respira forte e desvia o olhar por um instante. — Eu tenho um noivo e... não vou cometer o mesmo erro que ele... Koll, eu sei que sou apenas um capricho seu.

Ele tira a camisa, enquanto eu me explico sem parar, logo após retira as calças e, por fim, fica literalmente nu.

— Oh, Koll! — Desvio o olhar. — O que você está fazendo?

— Estou tentando fazer você parar de falar para ter alguma inspiração.

Ele dá a volta por detrás das poltronas, pega uma bola de basquete no chão e começa a arremessar na cesta. Um súbito silêncio é instaurado e apenas o quicar da bola é escutado.

— Gardner? — Girando a bola entre os dedos, ele caminha em minha direção.

— Oi? — Para de fazer o movimento e segura o objeto com as duas mãos me fitando.

— Você vai vestir a roupa? — Ele dá um aceno negativo com um sorriso de escárnio.

Olho para o lado, segurando as lágrimas. Estou cansada desses sentimentos confusos provocados por Gardner.

— Christina? Você está chorando? — Ele joga a bola no chão e segura meu rosto com as duas mãos, fazendo com que eu olhe para ele. — Desculpa, não era...

Barro o seu abraço e lhe dou as costas.

— Se eu vestir a roupa você fica mais tranquila? — Me viro para encontrar o seu olhar. — Desculpe, não devia ter insistido.

— Eu estou nervosa, Koll, não entendo porque você está virando minha vida de cabeça para baixo. Eu não faço o seu tipo. — Ele se curva, me dá um beijo ténue e se afasta.

— Eu escolho quem faz o meu tipo, Chris. — Desvia o olhar penetrante.
— Vou tomar banho, se quiser pode ligar a TV no quarto — muda de assunto repentinamente.

Olho seu corpo escultural, enquanto ele passa as mãos nos cabelos e vai para o banheiro.

PARTE 10 — SÃO OS DETALHES

No canal de noticiário passam assuntos alternativos e sem muita importância. Coloco o controle no colo, desistindo de procurar algo realmente interessante. Koll, ainda com a toalha preta enrolada na cintura, para em frente à televisão, abre a gaveta e pega sua roupa íntima.

Afastando-se para ver as novidades, ele coloca apenas uma calça moletom azul-marinho.

Após levar a toalha para o banheiro, conecta o pendrive na USB da TV e coloca o filme “Transformers” para rodar. Pula na cama e pega o controle no meu colo.

— Quer comer algo? — pergunta ele, colocando um dos braços atrás da cabeça.

— Não! Quer um travesseiro? — Me desencosto do trono macio que havia feito e lhe dou uma almofada.

— Eu ia pedir uma pizza. — Sorri e pouso o olhar na tela.

— Fala sério! Você nunca viu esse filme? — Ele se ajeita. É a primeira vez no dia que ele está tranquilo.

— Era o mais acessível! Eu apenas quis colocar outra coisa para assistirmos, embora eu saiba que não vou prestar atenção.

— Vou dormir na sala — afirmo, me preparando para levantar.

— Para de tentar aplicar as regras do mundo “normal” na sua vida. Não vejo por que seguir normas até mesmo quando alguém não está observando.

— Não acho correto, sabe? — Me deito olhando para o teto.

— Não, eu não sei! — Viro a face na sua direção, ele me observa esperando por uma resposta que o convença a seguir regras.

No entanto, eu não disse nada, porque, pensando profundamente no assunto, eu entendo o que ele quer dizer. Se for agradar alguém, que seja você mesmo!

Ele se curvou sobre mim, então pude sentir a pressão dos seus lábios contra os meus, enquanto as mãos embaixo do cobertor se tornavam cada vez mais íntimas à medida que acariciavam minha pele.

A lassidão com que sua língua procurava a minha, deixou-me sem ar.

— Gardner... Koll! — Espalmo uma das minhas mãos contra o seu peito nu, evitando que ele continuasse a investida. — Não!

— Por quê? — pergunta sobrepondo o seu peso, porém me mantive firme e o afastei novamente, o olhar de desejo parecia atordoado, lutando para se conter.

— Porque eu não sou assim! Não dessa forma. — Ele se afasta e se escora sobre o cotovelo.

— Tudo bem! — Dá um sorriso ameno e eu fico sem jeito.

— Eu sei que devo parecer antiquada em relação às outras mulheres que você sai, mas ainda é cedo. — Ele parece achar aquilo fofo.

— Na verdade, não! Você poderia deitar-se ao meu lado pelo menos? — Gardner tem vários sorrisos e aquele, que acabara de dar, me passou confiança.

Ainda relutante, dou um aceno e deito sobre o seu abraço, onde fico assistindo ao filme. Porém, em menos de dez minutos, ele cai no sono.

Levanto-me e desligo a TV. O vejo rolar, ficando de bruços, abraçado ao travesseiro.

Vou até a sala, aproveito o silêncio da madrugada para me servir de uma taça de vinho. Sento na poltrona e vejo o atlas na mesinha do lado. Abro uma página aleatória e “Veneza” é uma das cidades circulada entre várias.

Levanto-me para ver a estante de Koll. Apenas livros relacionados a viagens, culturas e dicionários.

Chuto a bola caída no chão e essa vara perto da cama. Fico analisando todo o cenário em volta de KG. Giro com cuidado uma das poltronas, avalio o material que Gad comprou naquela tarde.

Deixo a garrafa e a taça no chão ao meu lado e, sem compromisso nenhum, começo a pintar os elementos que haviam me chamado atenção ao atravessar a porta.

Depois de algumas horas, senti os meus olhos pesados, respirei fundo e fechei as pálpebras apenas para relaxar.

Sinto uma leve elevação e conforto.

— Christina? Chris? Acorda ou vamos nos atrasar — uma maravilhosa voz aos poucos foi me acordando, conforme acariciava os meus cabelos. — Bom dia!

— Aff. Não é um sonho, eu realmente estou aqui! — Afundo a cara no travesseiro. — Quantas horas?

— Nove. Vamos tomar café. — Olho para ele, bem trajado.

— Onde você estava? — Me levanto da cama. Ele deve ter me colocado aqui quando caí no sono.

— Trabalhando. Já fui, voltei e você ainda está dormindo. — Dá um sorriso iluminado.

— Para onde vamos? — Vou em direção ao banheiro.

— Encontrar alguns amigos! Chris? — Me viro. — É para vestir isso.

Deixa uma sacola grande e azul sobre a cama.

— Gardner, e a exposição? — Lembrei-me que ele a programou para aquela noite.

— Tudo certo, sua obrigação é apenas se divertir. Agora, ande logo, ou vamos nos atrasar. — Se retira do quarto.

PARTE 11 — NAS NUVENS

A pós vestir a camiseta preta, calça legging e colocar os tênis, fui até a sala, procurar a pintura que havia feito durante a madrugada, não a encontrei. Koll, destrancando a porta, me chamou, dizendo que “o que eu procurava já não estava mais ali, e que tomaríamos café em outro lugar”.

Descemos a elegante escadaria.

Estacionado em frente ao prédio está um grande carro branco.

— Lindo, não é? BMW M135i. — Rodopia as chaves e curva os lábios.
— Você dirige! — Lança as chaves em minha direção. Agarro no susto.

— Eu não sei dirigir! — Ele abre a porta do motorista e, com um aceno elegante, pede que eu entre. Inalo profundamente, poderia negar, porém não saber dirigir é um dos fatos que me levaram a um lugar onde eu não queria estar.
— Vou logo dizendo...

— Se acontecer algo, a culpa é minha. — Ele fecha a porta, dá a volta e senta-se do meu lado. O aroma do Class Act vindo de Gardner perfuma todo o ambiente. — Coloca o cinto, gira a chave...

Não foi tão difícil quanto imaginei. Dirigir é muito simples. Ou será que Koll é um bom professor? Claro, ainda tenho que aprender muita coisa, mas é incrível a sensação de dirigir. Paramos em uma linda padaria, tomamos café e voltamos para estrada, mas dessa vez KG assumiu a direção

— Não, não! — Tento sair da base de treinamento.

— Por quê, Chris? É muito divertido, juro! — Ele acena para que a galera nos espere. — Espera, Christina!

— Definitivamente eu não vou fazer isso. — Ele para em minha frente, impedindo que eu continue. — Você está querendo me matar?

Dou um piti.

— Poxa, você é tão radical, Christina! — zomba enquanto termina de ajeitar a minha roupa de paraquedismo. — Eu garanto que é seguro! Sabe por que a gente chama de circuito? — Ele sorri, vendo meu olhar de desespero. — Porque a corrente de adrenalina que corre em você é melhor que qualquer coisa que você possa ter experimentando.

— Experimentado? Eu nunca “experimentei” nada, Gardner! Sai da

minha frente. — O contorno.

— Não use de ironias comigo, Christina. — Ele me segura pelo braço.

— Ei, Christina! Você veio. Legal! — cumprimenta Wally, o rapaz da fogueira da noite anterior. — Vocês estão de boa?

Mascou o chiclete percebendo a notável tensão.

“Não”. “Sim”. Gardner e eu respondemos ao mesmo tempo.

— Entendi. Vejo vocês no avião! — Segurando as duas alças da mochila, ele se retira. — A primeira vez dá um medo da porra, mas você tem que ir! É a melhor coisa que se pode fazer na vida. É tipo tá com Deus, tá ligada? Sensação de pura liberdade.

Finalmente nos deixa só.

— Não vou insistir novamente! Você já fez o treinamento e sabe onde estou — se afasta.

— A minha decisão é a mesma! — Ele dá as costas e vai em direção ao avião.

— Medrosa! — grita e o resto da galera começa a rir.

— Eu não sou medrosa! — Ele vira, caminhando de costas e abre os braços me desafiando.

— Vem logo, Christina — a turma começou a gritar. — Sobe no avião, se você animar, pula! Pelo menos vem ver a vista lá de cima!

A frase da Gaby me incentiva a apenas acompanhá-los.

— Tá legal! — Eles urram de alegria.

Decolamos e eles me convenceram.

— Você vai pular comigo, Chris — diz Gardner terminando de me “amarrar” junto a ele.

— Por que eu tenho que ir com você? — Me aperta. — Ai!

— Porque eu sou o melhor! — Dá uma piscadela. — Qual o problema de saltar comigo?

— O problema é que você quer controlar a minha vida! Gostaria de saber quando isso deixará de ser divertido para você! — sussurrávamos um para o outro.

— Depois do evento você estará livre para decidir o seu caminho. — As pessoas começam a saltar.

— KG e Christina. É a vez de vocês — diz o jovem negro, careca e com um sorriso brilhante próximo da porta.

— Koll, eu estou com medo, sério, sente o meu coração. — Levo sua

mão no meu peito e ele dá um sorriso gracioso, olhando dentro dos meus olhos.

— Se quiser, pode ficar, mas acredito que melhor que contar a história de que viu seus amigos saltando, é contar que você foi junto. Eu garanto que a sensação é única! — Beijou minha mão.

Dou um aceno positivo.

— Certo. Amarra o cabelo, Christina. — Me entrega um elástico. — Vamos nessa!

Direcionamo-nos até a porta e pulamos. Aos gritos, eu não estava nem acreditando que acabara de fazer aquilo. Parece que eu tomei um choque no coração. Quando olho para baixo, me dá vontade de chorar de emoção, pois ver a Terra daquele modo, realmente é único. À medida que se aproximava do chão, é que eu vou ficando mais tensa. Foram seis minutos em plena queda livre. Finalmente meus pés tocam o chão.

— Eu quero sentar! — Koll, dando uma das suas gargalhadas altas, me abraça por trás e senta-se comigo. Uso-o de encosto.

— Ela está bem? — pergunta Michael ao lado de Gaby e Wally.

— É a adrenalina! — responde Gardner. — Chris, olha a sua mão.

Abro os olhos, estou trêmula, tiro o elástico do cabelo e jogo para o lado.

— Caramba, isso foi muito... — ainda estou sem palavras.

— Doido demais, Garota Chanel! Uhuu — zoou Gaby, bagunçando o meu cabelo e pulando em cima de mim junto com o resto da galera.

— Vocês estão me esmagando. Merda! — grita KG, brincando e tentando nos tirar dali.

A Carolina do Sul tem esse diferencial, está localizada entre mares e montanhas.

O resto da equipe seguiu a jornada por uma trilha. Eu e Gardner tínhamos outros afazeres. Fomos almoçar em um elegante restaurante que nos serviu frutos do mar e vinho.

— Gostei do lugar! — Levo a taça à boca.

— Eu sei que gostou, é fresco como você. — Me encara com aquela combinação de sorriso e olhar que sinaliza um desafio para me tirar do sério. Pouso a taça na mesa e cruzo as pernas.

— Você é ridículo, Koll Gardner! — Ele desvia o olhar, abre um sorriso, no qual era possível ver seus lindos dentes, e me fita novamente.

— O poder ainda não lhe cai bem. Tente de outra forma. — O ambiente é agradável. O garçom gentilmente nos serve outra taça do mesmo vinho. — O que você está achando de sua viagem?

— Ainda estou incomodada com o fato de você ter me capturado sem meu consentimento.

— Sêrio? É tudo que tem a me dizer? Achei que você fosse dizer “Obrigada, Koll, estou me divertindo”.

— Obrigada, Koll, estou me divertindo, mas você ainda me capturou e eu não sei se vou conseguir ir embora para minha casa hoje. — Ele se escora sobre os cotovelos e me analisa.

— Eu acho que você está com medo justamente do contrário. De não me ter ao seu lado te encorajando. — Na verdade, eu não tinha pensado em como seria a despedida.

— Que bobeira! — Ele abre a mochila, pega o bilhete do voo e coloca na mesa. Sinto a palidez tomar conta do meu corpo.

— Aí está a certeza de que você irá embora. Agora é uma hora da tarde. Você precisa ficar até as seis. Após essas vinte e quatro horas ao meu lado, é você quem escolhe o seu destino.

Faço um meneio positivo com a cabeça e apanho a passagem. Eu me sinto mal por continuar sendo grossa com ele. Mas o final será igual, mesmo que eu ceda aos caprichos de Koll e me entregue, apenas eu sofrerei. Nesse momento, eu já estou em pedaços por evitá-lo de tal forma, mas será melhor assim.

PARTE 12 — A GRANDE NOITE

E stacionamos o carro e seguimos a pé procurando uma loja que venda roupas femininas. A moça de blusa branca e short vermelho, na sua rotineira corrida para perder peso, atravessa a rua desviando-se da sorveteria.

A arquitetura local possui cores frias e não ultrapassa muito os quatro metros. Paramos em frente a um prédio rosa capri. O manequim da vitrine usa um vestido tubinho preto bem discreto.

Gardner se direciona à entrada, esperando que eu o acompanhe.

— Esse é muito simples. Talvez aquele! — Antes de atravessarmos a porta dupla de madeira branca, mostra o vestido vermelho na outra vitrine.

— Muito chamativo! — Ele fez uma expressão de desdém para minha opinião, mantendo as mãos no bolso.

O estabelecimento “*Hello Town*” tem um toque discreto de elegância, usando a simplicidade de cores claras, faz com que os clientes se sintam à vontade.

Uma mulher que me lembra a minha mãe, com as mãos entrelaçadas abaixo dos seios nos cumprimenta:

— Boa tarde! Se precisar de mim, meu nome é Miranda — diz ela com um sorriso gracioso. O batom marrom avermelhado combina com o vestido preto. — Aquela é Charlene. — A outra moça é mais jovem, branca, esguia de cabelo preto e enrolado, ela sorri enquanto embrulha um vestido.

— O que você acha? — Ele cruza a perna sobre o joelho, fadigado, sentado no sofá.

— Horrível, coloca o vermelho! — Olho-o de soslaio e Charlene me entrega o vestido, cor da pele com renda branca.

Já troquei de roupa pelo menos umas cinco vezes.

— Coloca o vermelho! — diz Koll, invadindo o provador.

— Ah, para de fazer isso, sai daqui! — Dou alguns tapas o empurrando.

— Espera! — Ele olha para baixo, me vendo praticamente despida, apenas com o vestido pendurado em frente ao corpo. — Só experimenta. Por favor!

— Sai daqui! — Tomo o vestido da mão dele e o empurro para fora. —

Idiota!

Sem sombra de dúvida, o vestido é muito bonito. Vermelho, longo e brilhante. Porém, é muito glamour para esse tipo de evento. Quando abro a cortina, ele se vira e dá um sorriso malicioso. Definitivamente, não. Quem sabe no dia que eu acompanhar Ben Affleck na noite do Oscar.

Miranda me traz um vestido tubinho cor da pele com renda preta que cobre até os braços, formando uma sensual nudez. O salto alto tem o solado vermelho.

— Agora sim! — responde Koll, quando me apresento novamente.

Voltamos para a pensão em que Gardner está hospedado. O tempo parece estar voando. O grande momento se aproxima, trazendo consigo o fim daquela aventura maluca. O céu fica nublado e o clima frio.

Koll vai até a janela e a fecha, evitando que as crescentes gotas de chuva invadam a sala, mas deixa a cortina aberta para que a luz natural do dia ilumine o ambiente. Ele observa o desenho que se formava no vidro conforme os pingos caíam.

— Que sorte termos chegado antes da chuva nos pegar. — Sento no sofá.

— Pois eu penso o contrário. — Ele se volta na minha direção e senta ao meu lado. — É divertido!

— Quer ir lá fora? — Fito o castanho dos seus olhos. Ele devolve a atenção com um sorriso lateral.

— Não posso correr o risco de você ficar doente antes da exposição. Quem sabe em uma próxima chance. — Pouso os olhos no piso de madeira. — A Débora irá passar aqui para te ajudar a se arrumar, ela é ótima! A Gaby também vem. — Continuo em silêncio e ele continua emendando assuntos. — O seu evento será feito no “North Carolina Museum of History”, a estrutura é muito elegante. Eles acharam a ideia maravilhosa, nos ligaram hoje mais cedo dizendo que já receberam os quadros.

Sinto a mão dele sobre o meu joelho enquanto fala sem parar sobre o que conseguiu organizar para o meu evento. Não demorou muito e a recepção ligou dizendo que Débora havia chegado.

Koll abre a porta e lhe dá um caloroso abraço, que a tira do chão, enquanto Gaby dá um cumprimento maneiro.

— Cadê a nossa estrela? Vamos começar a nos arrumarmos, querida! — Débora me abraça.

Ela escovou meu cabelo e fez uma maquiagem realmente digna de uma estrela enquanto Gaby ocupou-se em fazer as minhas unhas e colocar os

acessórios.

A tudo que elas comentam, eu respondo com sorrisos, pois meus olhos insistem em olhar através da porta entreaberta do quarto, onde Koll abotoa a manga da camisa.

Ele me olha de volta, dá um sorriso e continua a se arrumar. Eu deveria estar feliz, e eu até estou, mas o meu tempo está acabando.

O celular de Gardner toca e ele fecha a porta, atendendo com um sorriso desconhecido aquela ligação.

— Prontas? Temos exatamente uma hora e quinze minutos para chegar lá, não se esqueçam de que vamos pegar um voo — diz ele olhando o Rolex prata. Koll está maravilhoso com um terno azul-marinho metálico.

— Prontas. Aqui está ela, KG, do jeito que pediu! Encontramos com vocês lá. Beijinho, beijinho, tchau! — As duas saem.

— Me dá a honra de acompanhá-la? — Oferece-me a mão e eu cordialmente aceito. — Permita-me dizer que está magnífica.

Antes que eu pudesse lhe agradecer do modo que eu desejava, já estamos descendo a escadaria do elegante museu, onde uma chuva de *flashes* me acerta acompanhada por salvas de palmas.

Seguro mais firme o braço de Gardner, eu não esperava que fosse daquela forma. Eles distribuíram as obras da minha vida de uma forma tão esplêndida que me dá vontade de chorar de emoção.

— Obrigada! — sussurro.

— Você é uma artista maravilhosa, Christina. Aceite isso! — Começamos a descer os degraus. — Aguenta firme!

PARTE 13 — FIM DO TEMPO

Eu deveria ter tido um ataque de fobia, como de costume, daqueles que se perde o ar e fica zozza a ponto de desmaiar, porém desta vez foi diferente. Claro, senti minhas pernas bambas e as mãos trêmulas, mas a simples presença de Gardner fez com que eu superasse o meu maior medo: ter a atenção do público voltada para mim.

— Todos os quadros foram vendidos em menos de meia hora — diz ele me conduzindo enquanto subimos a escada.

— Graças a você — digo acenando para Toddy, que já se retirava.

— Graças a você, Christina. — Koll para e observa com mais atenção o Wright Flyer pendurado no centro do museu. — Mas a equipe da KGG ajudou bastante!

Koll está entretido observando o avião.

— Você não falou muito desde que saímos da Carolina do Sul. — Ele volta o seu olhar para mim com um sorriso sem emoção. Voltamos a caminhar, alcançando andares maiores.

— O que tem ali? — Curva a sobrancelha esquerda e não hesita em querer abrir a porta. Estaria ele tentando mudar de assunto ou quebrar o silêncio?

— Acredito que você não tenha permissão para sair explorando o lugar! — sussurro com medo de alguém nos ver entrando, embora estivessem todos entretidos com as pinturas. Gardner, por sua vez, me lança um olhar repreensivo. — Está bem! Entre logo.

É uma sala com vários móveis antigos praticamente amontoados. Não parece ser uma sala de exposição.

— Graças a Deus, um lugar para me sentar! — diz se sentando no aposento que dá lugar para três pessoas se acomodarem. — Cabe mais uma pessoa.

— Certo! — O estofado branco é confortável. Gardner pouisa um dos braços sobre a cabeceira.

Em meio a um silêncio muito angustiante, nos entreolhamos. Eu quero que ele diga algo, quero saber o que ele está pensando. Em breve eu irei embora.

O dinheiro arrecadado com o evento iria resolver os meus problemas. Estou pensando em sair da casa de Ashley e deixar que ela se resolva sozinha.

— Acabaram suas 24 horas, Christina. Agora que está livre, o que pretende fazer? — Aquele sobrado não parece o melhor lugar para iniciar um assunto tão perturbador.

— Bem, você marcou o meu voo para onze horas. Acho que vou ficar por aqui mesmo ou ir para o aeroporto e esperar... estou me decidindo ainda. — Seu olhar me esquadrinha sutilmente. Mantenho as pernas cruzadas tentando conter a apavorante ansiedade.

— Entendi. — Há uma angústia crescente no meu peito. Tenho que fazer aquela pergunta.

— O que acontece se eu decidir ficar? — Koll esboça uma reação de surpresa. — Desculpe, não deveria ter lhe perguntado isso.

Ouso tentar me levantar, mas, segurando meu braço firme e até mesmo um pouco agressivamente, Gardner faz com que eu permaneça sentada.

— Eu apenas não esperava por isso. Você deixou bem claro o desejo de estar longe de mim. — Ele tem razão, mas eu tenho os meus motivos.

— Eu estava apenas tentando evitar o inevitável.

— E o que seria inevitável? — sua voz soa com propriedade.

— Te amar e ter que partir com uma decepção. — Seu olhar carrega um misto de confusão e emoção, que só pôde ser traduzido quando ele toma meu rosto em suas mãos e me beija calorosamente.

Eu não consigo mais negar o que estou sentindo, cada parte do meu corpo está gritando pelo de Gardner. Koll segura minha cintura e me puxa para cima de si.

Seus beijos deslizam pelo meu pescoço e voltam, encontrando minha boca junto a sua forte respiração quente, suas mãos me apertam com volúpia procurando pela renda sob o vestido. A mordida na orelha me tira arrepios que se espalham por todo o corpo.

As mãos de Koll sobem, apertando os meus seios, até encontrarem minha nuca e entrelaçar os dedos em meus cabelos, trazendo-me para um beijo mais lascivo, me pressionando junto ao seu corpo.

O telefone celular de Gardner toca, nos despertando de um desejo incontrolável. Ele paralisa seu olhar junto ao meu, e por fim joga a cabeça para trás, lamentando ter que atender.

— Eu preciso atender. — Saio de cima dele e ajusto o vestido, me recompondo. Ele pega o celular no bolso. — Gardner. Certo. — Desliga o aparelho e se levanta. — Estão nos procurando.

Oferece-me a mão junto a um sorriso vaidoso. Seguimos juntos de braços dados. Estou ruborizada, mas até chegar lá embaixo, tenho certeza de que terei recuperado a cor normal.

Koll para subitamente no segundo andar.

— Chris, antes de continuarmos, eu tenho que te revelar uma coisa muito importante. — Nos escoramos na grade, ele olha para o Wright Flyer procurando as melhores palavras. Eu não tenho noção do que ele quer me dizer. — Eu já devia ter falado, mas você estava irredutível às...

Uma loira esguia e bronzeada, de olhos felinos azuis, termina de subir os degraus e vem em minha direção com um sorriso carnal.

— Olá, querida! É um prazer conhecer uma artista tão maravilhosa! — Elegante, me cumprimenta com um beijo lateral. Sua voz é aveludada. Ela volta seus olhos para Koll. — Eu comprei uma pintura em que você se encontrava, KG.

A loira, que parece ter vindo de um filme pornô, mantém o cabelo solto puxado para trás como se tivesse acabado de sair da piscina.

— Christina, esta é... — Gardner tenta nos apresentar. Caminhando até ele, vejo o corte V do vestido preto brilhante deixando as costas da loira à

mostra.

Ela se aproxima de Koll e ele coloca apenas uma de suas mãos na cintura dela. Gardner parece encurralado.

— Meu nome é Naomi. Sou modelo e noiva do KG! — Após se apresentar, o surpreende com um beijo escandaloso.

Boquiaberta com a situação, eu não consigo nem cruzar os braços. Tento respirar devagar e não piscar, para segurar as lágrimas.

Parto em retirada, desço a escada evitando os convidados que querem me parabenizar.

A porta dupla abre automaticamente e eu trombo com Jordan Watson em seu lindo terno slim azul-escuro.

— Christina, meu amor! — Ele me dá um abraço. Estou tendo a mesma sensação de quando tenho um ataque de fobia. — Eu cheguei atrasado? Por que você não me disse antes sobre o evento? Estou tão orgulhoso de você.

— Jordan, por favor, agora não! — Meus olhos ficam marejados e, quando eu pisco, algumas lágrimas caem.

— Eu sei que você ainda está chateada comigo pelo que aconteceu ontem e não tivemos tempo de conversar, mas, Christina, eu garanto que o amor que eu sinto por você é verdadeiro. — Ele segura firmemente minha mão entre as suas e a beija. — Eu suplico, Chris, deixe aquilo no passado e não desista de mim. Eu farei de tudo para te compensar. Eu só não quero te perder. Eu te amo! Desculpe demorar tanto para dizer isso.

As minhas lágrimas saem como a corrente de um rio que não pode ser presa por muito tempo. Ver Jordan ali na minha frente me fez lembrar que a viagem começava e terminava do mesmo modo. Diferente da traição de Jordan, a de Gardner me deixou realmente decepcionada.

— Christina, você precisa me perdoar. — Jordan Watson me encara com seus lindos olhos, azuis como o céu claro de um dia de verão.

— Está tudo bem, eu só quero que você me tire daqui. — Ele dá um aceno afirmativo. — Eu não estou me sentindo bem.

— Eu vou cuidar de você. — Caminhamos em direção ao Mercedes SLR McLaren prata, um dos carros preferidos de Jordan.

— Christina, me espera! — Ouço Koll gritar. Jordan abre a porta. Vejo Gardner saindo às pressas do museu a fim de me acompanhar. — Chris!

— Vamos! — Entro no carro e Watson não me questiona, dá a volta e pega a direção.

Koll corre, porém sua imagem, parado no meio da rua, vai ficando mais distante à medida que o observo pelo retrovisor. Sinto a mão de Jordan sobre a minha. Ele dá um sorriso lateral afável que destaca uma de suas pintas,

localizada alguns centímetros abaixo do olho direito.

Dobramos a rua seguinte e eu fico apenas com os meus pensamentos, que agora passam a me atormentar.

PARTE 14 — A NOIVA

Jordan, assim como Ashley, está muito animado com os preparativos do casamento. Marcamos para o próximo fim de semana. Eu tenho pressa de esquecer tudo que ocorreu naquelas vinte e quatro horas.

— Christina, eu deveria te colocar de castigo depois de ter sumido daquela forma — me recepciona Ashley assim que passo pela porta.

— Eu já sou maior de idade, Ashley! — Me sirvo com o bordô que está sobre a mesa da sala. — Quem esteve aqui?

— O deputado Gibson, uma agradável companhia. — Desliza a mão na cabeceira do sofá, desconcertada.

— Você transou com ele — afirmo, seguindo para o meu quarto, enojada.

— Que horror, Christina. Que tipo de mulher pensa que sou? — Me segue ajeitando o cabelo.

— Não queira conhecer os meus pensamentos, mamãe! — Continuo seguindo pelo enorme apartamento até chegar aos meus aposentos.

— Onde conseguiu este vestido? Aliás, onde esteve? — Apanho as malas debaixo da cama e coloco-as sobre essa. — Para onde vai?

— Embora. — Abro o guarda-roupa, pegando os vestidos nos cabides.

— Como assim, Cristina? Para onde você vai? Jordan sabe disso? — Continuo a dobrar as roupas sem nem ao menos olhar para Ashley.

— Ele está lá embaixo, vou ficar na casa dos Watson até sair o casamento. — Confusa, ela fica parada segurando as próprias mãos.

— Já decidiu onde vai continuar a faculdade? Você está quase se formando — a sua voz tem urgência.

— Abandonei o curso. A partir de agora, vivo da minha arte! — Ashley arregala os olhos scandalizada, mas se recompõe.

— Ah, bem, quem precisa se preocupar com trabalho quando vai se casar com o filho do governador?! Já que é assim, vou arrumar minhas malas.

— Ashley, volte aqui — a chamo antes que ela saia pela porta.

— Sim, querida! — Dá um dos seus sorrisos falsos.

— Você não vai. A partir de agora, eu tenho a minha própria vida e ela não te inclui. — O espanto toma conta de sua face.

— Como assim? Depois dos esforços que fiz para que se casasse com o filho dos Watson e garantir o nosso futuro, você irá apenas me abandonar?

Garota ingrata! — Ela me encara com ódio, como se realmente tivesse sacrificado a vida para cuidar de mim. Passo as mãos sobre a face e volto a arrumar a bagagem.

— Pode pegar o resto da fortuna que o meu pai me deixou e faça bom uso. — Fecho o zíper da mala. Carrego com dificuldade as duas enormes mochilas de rodinhas e deixo Ashley falando.

— Christina, meu amor, me espera! Não me abandone. — Ela se joga aos meus pés. — Eu sei que não fui a melhor mãe, mas eu não sei viver sem você, querida. Não me deixe.

Por sua face escorrem falsas lágrimas.

— Ashley, me solta. Você nunca me tratou como filha, poupe-me deste número, eu vou me casar com Jordan sim, mas por que eu escolhi estar com ele. Agora, me solta, Ashley.

— Não, Christina! — Ela continua tentando me segurar.

— Me solta, Ashley! — Me desprendo com dificuldade de suas mãos. — Frederick, leve minha bagagem, por favor.

— Sim, senhorita. — Me ajuda prontamente.

— Frederick, eu lhe proíbo de seguir ordens que não sejam as minhas. — Olho com repulsa para sua vã tentativa de me prender. Como se isso fosse de fato adiantar.

— Frederick, se quiser ser o meu motorista, está contratado imediatamente. — Ele prossegue pegando as bagagens, dando a Ashley uma resposta.

O acompanho, fechando a porta e ouvindo os gritos de minha pobre mãe enquanto derruba suas caras porcelanas.

— Senhorita Beckham. — Abre a porta do carro.

— Obrigada, Frederick. Tire o resto da semana de folga. Vejo-o em meu casamento como convidado. — Trocamos sorrisos, por fim, sigo a minha viagem, abandonando de vez Nova York.

Nunca vi Jordan tão dedicado. É o mínimo que ele pode fazer depois daquele flagrante. Eu realmente agradeço a Koll Gardner por ter me tornado mais independente, mas não posso perdô-lo.

Qual é a diferença entre Koll e Jordan? A diferença é que nada que Jordan me faça irá, de fato, me magoar e ele sempre tentará ser um modelo perfeito de filho, marido e pai. Assim, como o sr. Watson, uma vez que ele escolhe a sua dama, é para sempre, mesmo que não seja real.

Já Koll, ou KG, sempre será um garoto cheio de caprichos e eu fui um deles. Ele me fez acreditar que estávamos vivendo algo especial, para no final eu ver que ele é apenas mais um traidor.

Filho da mãe! Eu já havia me acostumado com o fato de todas as pessoas serem falsas nos dias de hoje, agora estou aqui, catando os cacos do meu coração, por acreditar em uma mentira. Tudo bem, Koll Gardner, eu farei o meu melhor. Farei o que eu quiser a partir de hoje e nunca mais quero te ver.

“Aqui é o KG, trazendo as melhores novidades até você...”

— Desliga o rádio, Jordan. — Ele aperta o botão.

— Está tudo bem? — Jordan continua a sua rota.

— Sim, estou apenas com dor de cabeça. — Ele me dá um beijo quando o sinal fecha.

Fico hospedada na adorável casa da família Watson em Tennessee. É bem provável que eu more próximo deles após o casamento.

Nos dias que se seguiram, eu só tive tempo para experimentar os mais encantadores vestidos de noiva.

Lisa cuidou minuciosamente e com perfeição da festa e de todos os detalhes com os quais não tenho prática. O telefone celular tocou várias vezes, tive que jogar o chip fora para tentar me livrar de Gardner, mas ele sempre descobria o novo número.

“Cristina, não desliga” — celular e fixo... Não o atendi nenhuma vez.

— Não vai atender, querida? — pergunta Lisa enquanto ajusta o meu vestido.

— Não. É apenas a companhia telefônica me oferecendo um pacote. — Sorrio, apresentando tranquilidade.

— Deveria atender e dizer que não se interessa. Talvez assim parem de incomodá-la. — O celular chama novamente, eu já decorei todos os números que ele usa para me importunar.

— Eu vou desligar, mais tarde resolvo isso. — Emmy, uma das ajudantes, se oferece para guardar o aparelho. — Obrigada.

— Tomara que caia estilo princesa. Excelente escolha, senhorita! — Olho para o reflexo no espelho, pensando se Lisa tem razão. Meus olhos verdes parecem combinar com todo aquele arranjo. — Cabelo solto ou amarrado? Flores ou coroa?

— Amarrado com tiara. Brincos de pérolas. — Defino imediatamente o que vou usar.

— Boa escolha. Está maravilhosa. Meu filho é um homem de sorte! — Sorrio em meio aos meus descontentamentos que gostaria de esquecer.

Tiro o resto do dia para pintar. Jordan separou um quarto para que eu usasse como um *atelier*. Várias vezes pinto um rosto disforme. Tento esquecer tudo que aconteceu, mas minhas pinturas contam uma história que não quer ficar para trás.

— Christina? — Jordan fecha a porta atrás de si. — Está tarde, e você ainda não jantou.

— Fiquei entretida olhando a lua. — Ele me abraça por trás e funga no meu cangote.

— Eu me preocupo com você, Chris. — Puxa um banco e senta-se ao meu lado. — Preparada para se tornar uma Watson?

— Claro. — Ele dá o seu melhor sorriso. — Já estou indo, pode ficar tranquilo. Eu estou bem, estou apenas cansada com os preparativos do casamento, uma semana é um tempo bem curto.

— Eu sei, mas não podia correr o risco de você desistir de mim. Se eu pudesse me casava com você agora. — Cobre os meus lábios com o peso dos seus beijos e, mesmo sem nenhuma emoção, cedo aos seus toques para esquecer os de Gardner.

PARTE 15 — UM NOVO COMEÇO

O festivo som da sinfonia de "*Vivaldi - Spring*" me desperta. Abro os olhos e me lembro do motivo de tanta felicidade pairar sobre a casa do governador: o tão esperado casamento de seu único filho.

Levanto-me e vou até a janela.

Lisa Watson coordena a equipe de decoradores, que a seguem com os arranjos de lírios brancos. Ela queria que o casamento marcasse uma nova fase, assim como a primavera que se aproxima no início do próximo mês.

— Bom dia, minha adorável filha! — Ashley invade o meu quarto.

— Oi, mãe — respondo seca, sem muita afeição na voz. — O que você está fazendo aqui?

— Sabia que você não tinha acordado ainda — diz ela abrindo a cortina rosa pálido. O brilho do novo dia invade o quarto, trazendo o vento frio das últimas semanas de inverno. — Você pode até não gostar da sua mãe, mas é irrefutável o quanto a minha presença se faz necessária para você hoje.

— Faça o que achar conveniente. — Entro no banheiro. — Ainda tenho bastante tempo até a cerimônia de fato começar.

— Ótimo. — Escuto a voz dela e depois apenas silêncio. Dirijo-me até o quarto e não a vejo mais ali.

Perfeitamente tranquila, após tomar um banho morno, sigo pelo corredor que se encontra bastante movimentado.

— Chris! Bom dia! — Jordan pousa as mãos nos meus ombros e me dá um beijo. — Espero que beijar a noiva antes do casamento não dê azar.

— Não dará, Jordan! — Dou um sorriso automático.

— Está uma loucura lá em baixo, eu nunca vi minha mãe tão animada. — O colarinho da sua roupa está amarrotado.

— Acho melhor você pedir para alguém passar sua roupa. Eu vou tomar café. — Entretido com a própria imagem, o deixei em frente a um espelho no corredor.

— Ester? — O escuto gritar, chamando a camareira, enquanto eu desço a escada.

Sozinha, sento-me na enorme cabeceira da mesa com lugar para dezesseis pessoas. Com muita calma, continuo tomando o meu chá, me servindo de torradas e geleia.

— Bom dia! — Senta-se o sr. Watson na outra ponta da mesa. Uma

distância considerável nos livra de uma conversa constrangedora. Em seu alinhado terno cinza, ele ajeita o guardanapo enquanto Frantiesca coloca o seu café.

Sr. James Watson ergue a xícara branca oferecendo um brinde a nossa paz. Correspondo o gesto. Apenas nós dois parecemos indiferentes a toda organização, afinal, o curso daquele dia seguiria de qualquer forma.

As três damas de honra, que na verdade são primas de Jordan, chegam enfileiradas uma atrás da outra, param na recepção da casa e buscam com seus lindos olhos azuis alguém para recebê-las. Sr. Watson e eu voltamos a atenção para a porcelana branca, a francesa, Frantiesca, mais que depressa auxilia as garotas que parecem ter saído do filme “As patricinhas de Beverly Hills”.

Logo em seguida, chegam os diversos padrinhos da câmara de deputados, escolhidos a dedo por Ashley e Lisa. É o momento em que não dá para fingir indiferença, já que todos querem se aproximar para me dar felicitações. Acho, então, conveniente ir para o meu aposento e começar a me produzir para o grande momento.

Maquiadora, cabeleireira, manicure e várias outras pessoas me puxam de um lado para o outro, falando sem parar na sorte que eu tenho em me casar com Jordan, que adorariam estar no meu lugar. Minha mãe se gaba pela proeza de ter sido o cupido daquela união.

O meu celular não toca nenhuma vez.

— Christina, está esperando alguma ligação? — Desvio a atenção do aparelho. — Você não para de checar as últimas ligações.

— Não. Apenas olhando as horas. Estou nervosa! — Coloco o aparelho sobre a penteadeira.

— Acredito que essa seja a melhor hora de colocar o seu vestido, senhorita Beckham — sugere Barbara, sorrindo com seus lábios finos, a única que ficará no quarto a partir desse momento, para me auxiliar.

— Certo. — Ela se volta para o manequim enquanto eu a aguardo em frente ao comprido espelho colocado em meu quarto pela manhã.

— Eu já preparei muitas noivas, mas, de todas, você é a única que não parece estar muito satisfeita. O que a incomoda? — Me encara no espelho enquanto ajusta o apertado vestido.

— Está tudo bem, Barbara, apenas... — Dou um aceno negativo.

— Seja o que for, esse é o momento de resolver. Se a ligação que espera receber é tão importante, por que você mesma não liga?

Ela volta a abotoar o vestido. Reparo no seu rabo de cavalo escuro e na franja reta, que combina perfeitamente com a blusa de manga e a saia comprida preta.

Enquanto ela continua a abotoar os botões de pérolas eu fito os meus olhos verdes no espelho, o meu sentimento não é de quem está casando, mas, sim, de quem está indo a um velório, e a alegre sinfonia da minha vida parece ter se tornado uma triste melodia.

— Está pronta, senhorita!

— Barbara, gostaria de ficar sozinha, me chame apenas quando a cerimônia começar. — Ela faz um meneio com a cabeça e se retira.

Ele não ligou e nem ligará. Assim é melhor!

A entrada de Gardner na propriedade dos Watson foi proibida após a matéria difamadora que ele fez. Eu mesma pedi que isso fosse feito, alegando que queria evitar uma possível reportagem inadequada sobre a festa.

Deslizo o dedo no *touch screen* do celular, acessando a internet. Há várias fotos em diversos sites, imagens minhas na exposição ao lado de Gardner. Ele conseguiu o que queria, vender o meu trabalho.

Aquele sorriso brilhante até por foto parece me alegrar. Por que ele teve que mentir para mim?

— Você mente, Koll Gardner. — Me levanto e vou até a janela. Jordan se posiciona no altar, já está quase tudo pronto. A festa ao ar livre nessa manhã de sábado me pareceu uma ótima ideia.

Escuto curtas batidas na porta.

— Pode entrar. — Ouço o abrir e o fechar sutil, após alguém adentrar o quarto. — Ainda não é a hora, Barbara.

A falta de resposta faz com que eu me vire.

— Você está linda! — elogia Gardner, parado a poucos centímetros de mim.

— Como? Como você entrou? — balbucio trêmula, com a respiração irregular.

— Subornei o porteiro e alguns outros funcionários. — Retira as mãos dos bolsos. Koll está simplesmente esplêndido com aquele terno prata.

— O que está fazendo aqui? — Seguro-me contra a janela. — Eu preciso que você se retire agora.

— Não sem antes falar com você. — Avança alguns passos na minha direção e eu dou as costas, fechando a cortina que insiste em abrir cada vez que o vento sopra.

— Eu não quero te ouvir neste momento, tenho um casamento para ir. Se retire, por favor, sr. Gardner! — Caminho para o outro lado do quarto evitando a aproximação.

— Não me importo. Você vai ouvir de qualquer maneira. Chris, eu passei... — Olha para o lado oposto, procurando uma frase que se encaixe no

seu repertório, por fim, gesticula sem norte.

Então, firma sua postura e me fita profundamente.

— Eu passei a semana inteira procurando apenas uma frase que fizesse você entender o quanto eu lamentei estar noivo da Naomi quando te encontrei depois de tanto tempo. — Ele continua com suas explicações.

— Passei a semana procurando uma forma de dizer que eu nem me lembrava dela quando estava ao seu lado. Que eu queria tudo com você, Christina, porém, você não me deu esperanças em nenhum momento. Eu não imaginava que você fosse me dar uma chance.

— Não me importa o quanto você sinta, o quanto você queira ter sido honesto comigo. O fato é que você mentiu para mim e traiu a Naomi. Eu acreditei que você tivesse mudado, Koll, mas a verdade... a verdade é que você continua sendo o mesmo garoto do colegial que me pregava peças. Você só se importa com você, e eu fui apenas um dos seus caprichos, mas acabou.

Estou enfurecida.

— Eu estava para te contar sobre a Naomi, mas aconteceu uma sequência de eventos que não pude premeditar. Eu não enganei você, Chris. O meu namoro com a Naomi era apenas fachada para ajudar na carreira dela.

— Também eram fachada os beijos, as carícias... o sexo? — Me excedo.

— Eram diversão — responde em um tom menor.

— Vocês são perfeitos um para o outro, não devia perder o seu tempo vindo atrás de mim.

— Mas que porra, Chris, eu te amo! — grita comigo.

Levo as mãos trêmulas a cortina, abrindo uma fresta. Estou com medo de que alguém o veja no meu quarto. Sinto o toque dos seus dedos, escorregando na pele nua dos meus braços.

— Não me ignore. — Seus lábios provocantes sussurram ao meu ouvido, me fazendo ter vontade de acreditar em suas mentiras.

Viro-me, para tentar sair da sua lasciva sedução, porém, isso só aumenta a proximidade de nossos lábios.

— Eu estou na sua frente com um vestido de noiva, com uma cerimônia para começar a qualquer momento. Você não pode me pedir para desistir.

— E eu estou de pé na sua frente, desesperado, te pedindo para não se casar. Seu lugar é ao meu lado, Christina Beckham! — A aflição se faz presente em seus olhos. — Não se case, Chris!

Seus lábios quentes tocam os meus em um beijo de súplica. Eu estou confusa sobre o que sinto e no que acreditar. Desvio o rosto, tentando me afastar, o que não é fácil com um vestido tão pesado e apertado.

— Não, não, não... — Ando até a outra ponta do quarto. — Eu estou

confusa e com medo. Você já conseguiu o que você queria, me deixa ser feliz, Koll.

— Será que você não percebe? É exatamente isso que eu quero, a sua felicidade. — Se aproxima. — Se você casar com ele, não será feliz.

— Se eu o abandonar no altar, para viver uma aventura sem futuro com você, também não! — O confronto e aquilo parecem tê-lo atingido.

— Lamento que você pense assim, porque eu vejo um futuro. Eu sempre vi. — Se afasta, olhando a parede oposta.

Uma sequência de batidas na porta, seguida da entrada de Barbara, anuncia o que Gardner e eu já sabemos.

— Desculpe-me... — diz sem graça, mas se recompondo em seguida. Ela parece ter dois diamantes ao invés de olhos. — Está na hora!

— Só mais cinco minutos, Barbara. — Koll lhe dá um aceno, sinalizando um cumprimento. Ela se retira.

— Não posso deixar que você faça isso — sussurra Gardner.

— Você ouviu, Koll Gardner, está na hora. — Me volto para o espelho. — Eu já tomei minha decisão.

— Preciso de mais tempo. — Vejo Koll de costas, através do espelho. Agora não importa o que ele diga, eu estou pronta.

— Eu tenho que ir. — Ele para atrás de mim, me deixando ver nosso reflexo no espelho.

— Já que você escolheu dessa forma, até mais! — Lhe devolvo o sorriso. Ele se aproxima rente ao meu rosto e dá um beijo na minha bochecha.

— Adeus, Koll Gardner — respondo fitando seus lindos olhos castanhos, mas ele está com um sorriso muito malicioso, como se tudo estivesse do jeito que ele desejava.

— Te vejo mais tarde — dito isso, ele cobre minha face com um lenço umedecido. Uma súbita reação em meu corpo faz com que eu desmaie.

Adormecida em um sonho estranho, tenho a ilusão de ver Barbara ajudar Gardner a me colocar em um carro escuro, estacionado na entrada dos fundos.

Ninguém notaria, já que todos estavam ansiosos em seus lugares aguardando a entrada da noiva. Leve como uma pluma, tenho pequenos devaneios de estar dentro de um jatinho ao lado de Koll, que se diverte com a vista.

“Já estamos quase chegando” — Sorri e volta a olhar pela janela.

Eu tenho que acordar, eu tenho que acordar. Repetia para mim mesma.

Provavelmente eu estava tão ansiosa com o dia do casamento, que sonhei. Era um sonho tudo que aconteceu durante aquele dia.

A bela música “*Non Dimenticar - Nat King Cole*” me convida a despertar, abro os olhos e vejo um acabamento, diferente do meu quarto em Memphis - Tennessee.

A inconfundível voz de Koll ecoa nos fundos acompanhando a música.

"Non dimenticar my love is like a star, my Darling" — Não se esqueça que meu amor é como uma estrela, minha querida

"Shining bright and clear" — Brilhando alegre e clara

"Just because you're here" — Só porque você está aqui.

Ainda confusa, tento me sentar. Não foi um sonho, eu ainda estou com o vestido de noiva, que ocupa boa parte da cama.

Acredito estar sob efeito de algum entorpecente muito forte, porque simplesmente não é possível o que os meus olhos estão vendo. A cortina de cores frias e brilhante tem uma bela sacada, que puramente dá visão ao inconfundível Grande Canal.

Eu estou em Veneza — Itália...



Não deixe de conhecer estas emocionantes aventuras. Você vai se identificar com os heróis dessas histórias e eles vão te levar para uma jornada surpreendentemente fantástica. Duvida? Então paga para vê!

Acesse o blog:

<http://escritoraestefaniacristina.blogspot.com.br/>

*Conheça outros livros da autora Estefania Cristina
e dos parceiros da página.*

Fantasia/Cyberpunk/ Aventura /Ficção Científica /
Fantástica/ Romance / Hot/ Drama/ Humor / Distopia/
ScifiFantasy

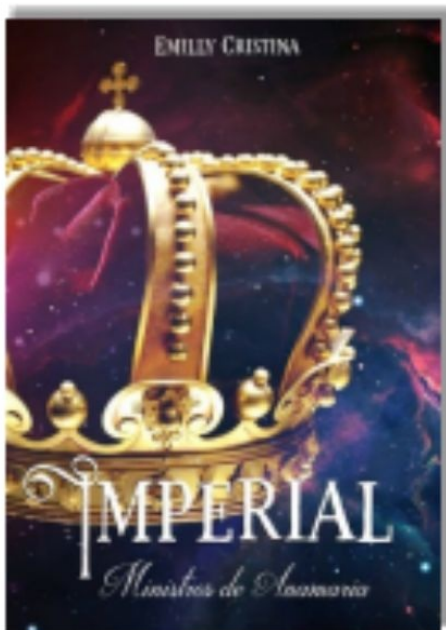
Fantasia



O RELICÁRIO – *A História dos Mundos* (VL

1) Estefania Cristina

Em **o Relicário**, Estefania Cristina une seus personagens em uma viagem que transcende dimensões para manter o nosso mundo a salvo. A ficção que retrata várias culturas e formas de ver a vida, coloca Manson o Guardião ao lado de Zoe, rumo a uma jornada decisiva para salvar a todos que ama.



IMPERIAL – Ministros de Ana Maria (VL. 1)
Emily Cristina

A casa da família Libra amanheceu boiando, e isso foi só o começo da jornada que os espera em Anamaria, um mundo temperado com o folclore e a história do Brasil. Por mais que não queriam acreditar em absurdos, a família se torna o centro da disputa profética pelo Trono Roxo de Palvarás. Aliados e inimigos sabem que o Imperial está a bordo!

<https://www.facebook.com/diarioimperial/>



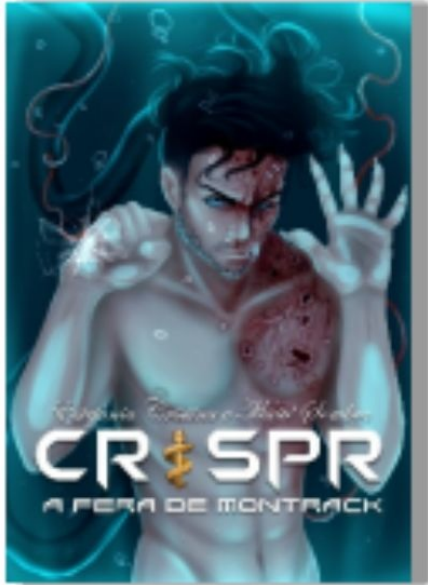
CICLOS ETERNOS– Submundo (VL. 1) Caroline

Factum

Existe um limite entre o real e o imaginário? Até que ponto se pode viver enraizado na realidade e

abandonar os sonhos? Sâmia luta entre o real e o que julgou ser imaginário enquanto faz críticas sobre livros de fantasia em um jornal local, tentando por anos sufocar seus desejos mais profundos, a fantasia retorna trazendo com elas valores extremamente reais. O Submundo sai das sombras se revelando a humanidade, mostrando a mágica, a doçura, os medos e os demônios existentes em cada um.

<http://cicloseternos.com/>



CRISPR: A Fera de Montrack (VL.1) Estefania

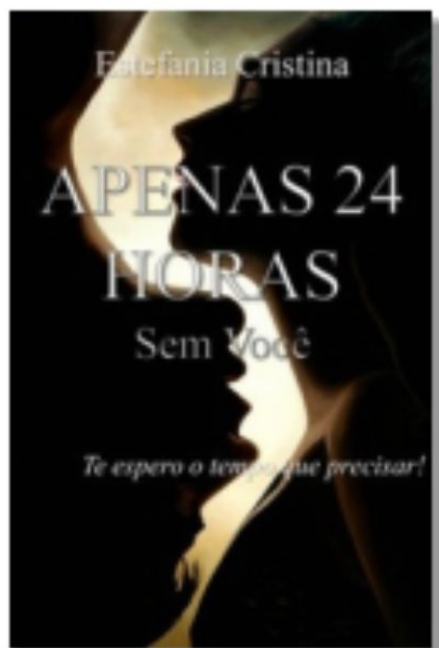
**Cristina e
Maitê Sombra**

Em um mundo pós-apocalíptico, medidas são tomadas. Pessoas viram experiências genéticas e isso causa um grande caos: elas começam a se transformar em aberrações, o que as condena a uma vida de escravidão.

Se o seu mundo desabasse, te fazendo perder o amor da sua vida e toda sua família em questão de meses, e você fosse marcado para viver uma vida de batalhas épicas, que tipo de monstro você seria?

Sarah Monterrei, embarcará em uma grande aventura para conquistar a verdade e a liberdade ao lado da fera que tanto ama: Connor. Em um momento de dor, Sarah se tornou a mais poderosa e perfeita de todas as armas. (*Crossover com o Relicário e Coração de Fogo*)

Romance



APENAS 24 HORAS – Sem Você (VL. 2)

Estefania Cristina

“O que teremos no volume 2?”



Teremos uma entrega maior dos personagens, viveremos uma aventura mais delicada e madura e conheceremos Koll e Christina intimamente. Será esse um sonho perfeito que começa por Veneza? Será que a Chris vai se render a essa paixão? Nem tudo é perfeito, e o maior desafio de Gardner está apenas começando. Chris vivera momentos decisivos, pois o amor não tem um mapa perfeito, apenas amantes apaixonados.

APENAS 24 HORAS – Para Sempre (VL. 3) **Estefania Cristina**

O último volume será mais adulto e dramático. Com uma nova experiência, que irá girar em torno do Koll desta vez!

Nos livros anteriores vimos uma busca por si mesmo, a diversão e o amor nascer. Crescemos com os personagens, que a cada página ganhavam maturidade e nos ensinavam o valor que algo simples pode ter. O que vem de dentro, podemos pegar as rédeas e controlar. Mas, e o que vem de fora? E quando o destino resolve testa a sua fé? É disso que se trata esse livro.



UMA INCONTROLÁVEL ATRAÇÃO de Cris Barbosa

Gabriela é funcionária do luxuoso Resort "Sun & Sea", em uma paradisíaca cidade do Nordeste brasileiro, avessa a tietagem ela não pensa em namorar.

Sam Williams é um ator inglês. O mais novo queridinho de Hollywood, resolve aceitar o convite de um amigo para passar uma temporada num Resort no Brasil. Ele nunca se envolveu com nenhuma garota que não fosse do seu meio de trabalho por julgar que sua fama e dinheiro atrairiam pessoas interessadas em se promover através dele. Além do que, as atitudes de algumas fãs obcecadas o assustam um pouco. Até que os destinos deles se cruzam em uma casa noturna, onde eles descobrem o poder de uma "Incontrolável Atração"! Um esbarrão... Um olhar... Aquele olhar... E tudo muda...

<https://www.facebook.com/crisbarbosaescritora/>



ELA de Luh Celestty

Derick tem apenas 14 anos, mas conhece mais do mundo do que seus colegas de escola. Filho de fotógrafo

e mãe escritora, seu lugar é na estrada e sua paixão é pintar, até conhecer ela – Mary – a garota de Gramado que balança suas inseguranças e te faz questionar se o seu lugar no mundo é ao lado dela, ou se a estrada é a sua casa! Será que Derick irá partir?

<https://www.facebook.com/Luhcelestty.autora/>



PERMITA-ME SER SUA de Maitê Sombra

Stefany é uma menina geniosa que sempre diz o que pensa, menos sobre seu amor não correspondido por seu melhor amigo, Felipe! Quando uma tragédia abala a relação dos dois, o jeito é tentar levar a vida como se nunca tivessem feito parte da vida um do outro.

Este conto foi escrito baseado na música One and only - Adele. Para o livro de contos baseados em músicas escolhidos pelos leitores: Amor em desafio, um projeto de Aretha Guedes, autora da série de livros Elle.

Kindle, Amazon

Lista de Filmes e Livros que inspiraram a compor a trilogia Apenas 24 Horas:

1. Caçador De Recompensas
2. A Verdade Nua E Crua
3. Jogo De Amor Em Las Vegas
4. Esposa De Mentirinha
5. Par Perfeito
6. A Proposta
7. Noivos Por Acaso
8. Ele Não Está Tão A Fim De Você
9. Uma Comédia Nada Romântica
10. Deadpool
11. Se Beber, Não Case

12. Uma Prova Do Céu - Dr. Eben Alexander
13. O Último Adeus - Carolina Coelho.
14. Ps. Eu Te Amo - Cecelia Ahern
15. Um Amor Para Recordar - Nicholas Sparks
16. Titanic - Philipe Masson
17. Inside No. 9 - Reece Shearsmith E Steve Pemberton
18. Black Mirror - Charlie Brooker
19. A Culpa E Das Estrelas -John Green
20. Como Eu Era Antes De Você - Jojo Moyes
21. Para Sempre - Stuart Sender

^[1] Perguntas e respostas foram retiradas de uma entrevista real, do programa "60 minutos". Do ano 2010. Entrevista com Mark Zuckerberg.

Table of Contents

[PARTE 1- A FESTA](#)

[PARTE 2 — O PEDIDO](#)

[PARTE 3 — A CARONA](#)

[PARTE 4 — DECOLANDO](#)

[PARTE 5 — O IMPÉRIO](#)

[PARTE 6 — TÁ NO AR](#)

[PARTE 7 — INVESTIDA](#)

[PARTE 9 — EXÓTICO E SABOROSO](#)

[PARTE 10 — SÃO OS DETALHES](#)

[PARTE 11 — NAS NUVENS](#)

[PARTE 12 — A GRANDE NOITE](#)

[PARTE 13 — FIM DO TEMPO](#)

[PARTE 14 — A NOIVA](#)

[PARTE 15 — UM NOVO COMEÇO](#)

[Lista de Filmes e Livros que inspiraram a compor a trilogia Apenas 24 Horas:](#)